

Marco Antonio Barros Alves Garcia  
Paulo Henrique Maestrello Assad Oliveira

**Motor de Simulação e Geração de Matrizes para Avaliação  
de Desempenho para o Simulador de Grades  
Computacionais iSPD**

Monografia apresentada ao Departamento de  
Ciências de Computação e Estatística do Instituto  
de Biociências, Letras e Ciências Exatas da  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita  
Filho", como parte dos requisitos necessários para  
aprovação na disciplina Projeto Final.

São José do Rio Preto  
2010

Marco Antonio Barros Alves Garcia  
Paulo Henrique Maestrello Assad Oliveira

**Motor de Simulação e Geração de Matrizes para Avaliação  
de Desempenho para o Simulador de Grades  
Computacionais iSPD**

Monografia apresentada ao Departamento de  
Ciências de Computação e Estatística do Instituto  
de Biociências, Letras e Ciências Exatas da  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita  
Filho", como parte dos requisitos necessários para  
aprovação na disciplina Projeto Final.

Orientador:  
Prof. Dr. Aleardo Manacero Júnior

Co-orientadora:  
Profa. Dra. Renata Spolon Lobato

São José do Rio Preto  
2010

Marco Antonio Barros Alves Garcia  
Paulo Henrique Maestrello Assad Oliveira

**Motor de Simulação e Geração de Matrizes para Avaliação  
de Desempenho para o Simulador de Grades  
Computacionais iSPD**

Monografia apresentada ao Departamento de  
Ciências de Computação e Estatística do Instituto  
de Biociências, Letras e Ciências Exatas da  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita  
Filho", como parte dos requisitos necessários para  
aprovação na disciplina Projeto Final.

Prof. Dr Aleardo Manacero Jr      Marco A. B. A.Garcia      Paulo H. M. A. Oliveira

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Adriana Barbosa Santos

Prof. Dr. José Márcio Machado

São José do Rio Preto  
2010

## Dedicação

Marco:

Aos meus pais, Marco e Letícia.

Ao meu irmão Eduardo.

Paulo:

Ao meu avô, José Ribamar.

Aos meus pais, Paulo e Sônia.

Às minhas irmãs, Tatiana e Thaís.

À Juliana.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me deu força para vencer todos os desafios enfrentados durante o curso.

Aos meus pais, que com sabedoria e paciência, me educaram e me ensinaram a ser o que hoje sou.

Ao meu irmão, que sempre me estimulou e motivou a superar momentos difíceis. A todos os tios, tias, primos e primas que com seus conselhos e apoio sempre me ajudaram a seguir em frente.

Aos meus avós, paternos e maternos, que mesmo distantes, sempre estiveram presentes no meu coração, como exemplo e superação.

Aos meus amigos, que próximos ou distantes, participam de momentos importantes, somando as alegrias e conquistas, dividindo as dificuldades e a saudade daqueles que estavam longe.

Ao Prof. Dr. Aleardo Manacero Júnior, meu orientador e a Prof. Dr. Renata Spolon Lobato, minha co-orientadora, pela convivência e experiência, como profissionais e amigos, e também aos demais professores, a quem deixo meu sincero agradecimento.

À FAPESP, que me auxiliou financeiramente com uma bolsa de iniciação científica (processo nº 2009/00183-2) para o desenvolvimento deste projeto e também concedeu uma bolsa de auxílio pesquisa (processo nº 2008/09312-7) para a compra dos computadores do Grupo de Sistemas Paralelos e Distribuídos.

E a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Muito Obrigado!

Marco Antonio Barros. A. Garcia.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus e ~~ĩ~~ por ter~~em~~ me proporcionado grandes momentos de aprendizado.

Agradeĩ aos meus pais, Paulo e Sĩnia por eles ~~terem~~ medido esforĩos para criar as melhores condiĩes possĩveis para ~~eu aprender~~ que sei. Eles sĩo imprescindĩveis em minha vida.

Agradeĩ aos meus avĩs e principalmente ao meu avĩ ~~Ribamar~~ por ter sido meu estimulador intelectual desde a ĩpoca em que eu ~~nenhã~~ o que era isso.

Agradeĩ tambĩm ĩs minhas irmĩs, Tatiana ~~Thalita~~ e apoio. ĩ minha namorada Juliana e sua famĩlia por me ~~incentive~~, por que nĩo dizer, terem me adotado desde jĩ como membro da famĩlia.

Agradeĩ tambĩm aos professores que passaram pela ~~minha~~ e que direcionaram, com maestria, meus esforĩos intelectuais. Em especial, gostaria de agradecer aos

meus orientadores Prof. Dr. Alcardo Manacero ~~Jĩnier~~ Profa. Dra. Renata Spolon Lobato, pela orientaĩo, paciĩncia, dedicaĩo e ~~disponibilidade~~ de suas partes.

Aos meus grandes amigos, Andriĩ, Cauĩ, Lucas, ~~Paulo~~cius, Aldo, Marco e Tiago, verdadeiros doutores em ouvir meus numerosos planos e me aconselhar durante este caminho.

ĩ FAPESP, que me auxiliou financeiramente com uma ~~bolsa~~ de iniciaĩo cientĩfica (processo nĩo 2009/00182-6) para o desenvolvimento ~~de~~ projeto e tambĩm concedeu uma bolsa de auxĩlio pesquisa (processo ~~2008/09312-7~~) para a compra dos computadores do Grupo de Sistemas Paralelos e Distribuĩdos.

Aos integrantes do Grupo de Sistemas Paralelos e Distribuĩdos, que me auxiliaram no desenvolvimento deste projeto.

Paulo Henrique M. A. Oliveira.

## **Epígrafe**

*Questão de ver quem é mais forte  
ou quem tem mais pontuação  
acima da nota de corte.  
Questão de objetivo na busca,  
para ser iluminado, porque brilho  
se ofusca  
Marcus Vinicius Silva (Kamau)*

## RESUMO

O uso de sistemas computacionais de alto desempenho tem crescido nos últimos anos, em aplicações científicas e comerciais. Isso tem sempre especialistas em programação de alto desempenho. Esse uso gera demanda de ferramentas para desenvolvimento e para a avaliação de desempenho de sistemas em uso. Em particular, a avaliação de desempenho pode ser afetada através do uso de simuladores. Entretanto, as ferramentas de simulação disponíveis nem sempre apresentam facilidade de uso e de geração de modelos especialmente para o usuário não especialista em computação. Assim, a simulação de sistemas computacionais carece de simuladores que permitam a variabilidade das características simuladas e interfaces amigáveis. Visando preencher essa lacuna, este projeto tem como objetivo a especificação e a implementação do motor de simulação na forma de simulador de grades computacionais, o iSPD, que pode ser usado para descrever com facilidade as características do sistema em estudos de desempenho a ele adequadas. A implementação consistiu na representação funcional de um sistema de redes de filas no qual os servidores representam os nós da grade computacional e os elementos pertencentes às filas são as tarefas a serem processadas nesses nós. Além disso, fez-se a implementação das bibliotecas necessárias para os cálculos das métricas de desempenho dos sistemas simulados. Como resultado, um motor de simulação robusto e modular foi obtido.



## **ABSTRACT**

The use of high-performance computing systems has grown in recent years, either in scientific or commercial applications, with users not always experts in high performance programming. This use creates a great demand for development tools and performance evaluation systems. In particular, the performance evaluation can be performed through the use of simulators. However the simulation tools available are not always easy to use or to generate models, especially for non-specialist users. Thus, the simulation of computational grids requires simulators that allow for the variability of the simulated environment and provide user-friendly interfaces. Seeking to fill this gap, this project aims at the specification and implementation of the simulation engine of a simulation platform for grid computing, the iSPD, which allows the user to easily describe the characteristics of the system under study and its appropriate performance metrics. The implementation consisted of the computational representation of a queuing network system in which the servers represent the computational grid nodes and the queue elements are the tasks to be processed on these nodes. The necessary libraries for the calculations of performance metrics of simulated systems were also implemented. As a result, a robust and modular simulation engine was obtained.

# ÍNDICE

|   |            |
|---|------------|
| <b>LISTA DE FIGURAS .....</b>   | <b>III</b> |
| <b>LISTA DE TABELAS.....</b>  | <b>V</b>   |
| <b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....</b>   | <b>VI</b>  |
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>1</b>   |
| 1.1 OBJETIVOS.....  | 2          |
| 1.2 ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA.....  | 3          |
| <b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>   | <b>4</b>   |
| 2.1 CLUSTERS E GRADES COMPUTACIONAIS DE COMPUTAÇÃO QUANTO<br>DESEMPENHO .....         | 4          |
| 2.2 SIMULADORES DE GRADES COMPUTACIONAIS .....  | 5          |
| 2.2.1 <i>SIMGRID</i> .....  | 6          |
| 2.2.2 <i>BRICKS</i> .....   | 8          |
| 2.2.3 <i>OPTORSIM</i> .....   | 9          |
| 2.2.4 <i>GANGSIM</i> .....  | 10         |
| 2.2.5 <i>GRIDSIM</i> .....  | 10         |
| 2.3 TÉCNICAS DE MODELAGEM DE SISTEMAS .....   | 11         |
| 2.3.1 <i>SIMULAÇÃO DE EVENTOS DISCRETOS</i> .....                                     | 11         |
| 2.4 DISTRIBUIÇÃO DE PROBABILIDADE.....  | 14         |
| 2.4.1 <i>TÉCNICA DE TRANSFORMAÇÃO INVERSA</i> .....                                   | 15         |
| 2.4.2 <i>TÉCNICA DE SIMULAÇÃO DIRETA</i> .....  | 16         |
| 2.5 TEORIA DAS FILAS.....   | 16         |
| 2.5.1 <i>NOTAÇÃO DE KENDALL</i> .....   | 17         |
| 2.5.2 <i>A FILA M/M/1</i> .....   | 18         |
| 2.5.3 <i>FILAS MULTI-SERVIDOR</i> .....   | 19         |
| 2.5.4 <i>MÉTRICAS DE FILAS COM SERVIDORES MÚLTIPLOS</i> .....                         | 19         |
| 2.6 MÉTRICAS DE SIMULAÇÃO.....  | 20         |
| 2.6.1 <i>TEMPO TOTAL SIMULADO</i> .....   | 20         |
| 2.6.2 <i>OCIOSIDADE</i> .....   | 21         |
| 2.6.3 <i>EFICIÊNCIA</i> .....   | 21         |
| 2.6.4 <i>SATISFAÇÃO</i> .....   | 22         |
| 2.6.5 <i>MÉTRICAS OBTIDAS DAS TAREFAS</i> .....                                       | 23         |
| 2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 24         |
| <b>3 DESENVOLVIMENTO DO MOTOR DE SIMULAÇÃO.....</b>                                   | <b>25</b>  |
| 3.1 O INTERPRETADOR DE MODELOS E O MODELO SIMULADO.....                               | 26         |
| 3.2 OS EVENTOS DO MOTOR DE SIMULAÇÃO.....   | 27         |
| 3.3 O PACOTE SIMULAÇÃO.....   | 29         |
| 3.3.1 <i>A CLASSE SIMULACAO.JAVA</i> .....  | 29         |
| 3.3.2 <i>AS CLASSES LISTAEVENTOSFUTUROS.JAVA, NOLEF.JAVA E<br/>RELOGIO.JAVA</i> ..... | 34         |

Excluído: *ACEITAÇÃO DE REFERÊNCIAS*

Excluído:

|   |           |
|---|-----------|
| 3.4 O PACOTE REDES DE FILAS.....  | 35        |
| 3.4.1 A CLASSE REDESDEFILAS.JAVA .....  | 35        |
| 3.4.2 A CLASSE CENTROSDESERVICO.JAVA .....  | 37        |
| 3.4.3 A CLASSE SERVIDORES.JAVA .....  | 38        |
| 3.4.4 AS CLASSES NOFILA.JAVA E FILAS.JAVA .....   | 39        |
| 3.5 O PACOTE NÚMEROALEATORIOS.....  | 40        |
| 3.5.1 A CLASSE GERACAO NUMALEATORIOS.JAVA .....   | 40        |
| 3.6 O PACOTE ESTATÍSTICA.....   | 41        |
| 3.6.1 AS CLASSES ESTATISTICA.JAVA E CAIXATEXTOESTATISTICA.JAVA.....                     | 41        |
| 3.6.2 AS CLASSES METRICACS.JAVA, MEDIDASSERVIDOR.JAVA E<br>NOMEDIDASSERVIDOR.JAVA ..... | 43        |
| 3.6.3 AS CLASSES TAREFASFILA.JAVA E NOTAREFASFILA.JAVA .....                            | 44        |
| 3.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 45        |
| <b>4 TESTES</b>   | <b>46</b> |
| 4.1 TESTES DOS GERADORES DE NÚMEROALEATORIOS.....                                       | 46        |
| 4.2 TESTES DO SISTEMA M/M/1 .....   | 48        |
| 4.3 TESTE FINAL.....  | 49        |
| 4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 53        |
| <b>5 CONCLUSÕES</b>   | <b>54</b> |
| 5.1 CONTRIBUIÇÕES.....  | 54        |
| 5.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS .....  | 55        |
| 5.3 CONCLUSÕES.....   | 55        |
| 5.4 PROPOSTAS PARA TRABALHOS FUTUROS .....  | 56        |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>   | <b>57</b> |
| <b>APÊNDICE A - DIAGRAMAS DE CLASSES UML DOS PACOTES DO PROJETO</b>                     | <b>61</b> |

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| FIGURA 1.1: DIAGRAMA CONCEITUAL DA PLATAFORMA DE SIMULAÇÃO.....   | 2  |
| FIGURA 2.1: COMPONENTES DO SIMGRID .....  | 6  |
| FIGURA 2.2: <b>M</b> ODELAGEM DO AMBIENTE COMPUTACIONAL POR REDES DE FILAS.....   | 8  |
| FIGURA 2.3: <b>Q</b> UANTO ALGORITMO <i>EVENT SCHEDULING/TIME ADVANCE</i> .....   | 14 |
| FIGURA 2.4: A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE UMA FILA.....  | 19 |
| FIGURA 2.5: <b>A</b> REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE UMA FILA COM VÍCIOS.....  | 19 |
| FIGURA 2.6: <b>A</b> REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE VÁRIAS FILAS E VÍCIOS.....  | 20 |
| FIGURA 3.1: A INTERFACE GRÁFICA DO SIMULADOR.....   | 26 |
| FIGURA 3.2: OS POSSÍVEIS EVENTOS DE UMA GRADE COMPUTACIONAL.....  | 28 |
| FIGURA 3.3: A MODELAGEM COM REDE DE PETRI DOS EVENTOS DA SIMULAÇÃO.....   | 31 |
| FIGURA 3.4: <b>A</b> IMPLEMENTAÇÃO DA CHAMADA DO EVENTO.....  | 33 |
| FIGURA 3.5: O MÉTODO <i>COMPARETO</i> DA CLASSE <i>NOLEF.JAVA</i> .....   | 34 |
| FIGURA 3.6: O MÉTODO <i>REMOVERELEMENTOSFILA</i> DA CLASSE<br>CENTROSDESERVICO.JAVA.....  | 37 |
| FIGURA 3.7: O MÉTODO <i>ATRIBUIR</i> DA CLASSE <i>SERVIDORES.JAVA</i> .....   | 39 |
| FIGURA 3.8: GERAÇÃO DE NÚMEROS PERTENCENTES À DISTRIBUIÇÃO<br>UNIFORM.....  | 41 |
| FIGURA 3.9: O MÉTODO <i>FSIMULACAO</i> DA CLASSE <i>ESTATISTICA.JAVA</i> .....  | 43 |
| FIGURA 3.10: MÉTODO DA CLASSE <i>METRICACS.JAVA</i> QUE ADICIONA DADOS DOS<br>SERVIDORES AO CENTRO DE SERVIÇO.....              | 44 |
| FIGURA 3.11: TRECHO DE CÓDIGO RETIRADO DO MOTOR DE SIMULAÇÃO MOSTRANDO A<br>CHAMADA DO MÉTODO <i>ADICIONARTAREFASFILA</i> ..... | 45 |
| FIGURA 4.1: HISTOGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO <i>TWO-STAGE UNIFORM</i> .....   | 47 |
| FIGURA 4.2: HISTOGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO NORMAL.....  | 47 |
| FIGURA 4.3: HISTOGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO EXPONENCIAL.....   | 48 |
| FIGURA 4.4: PLATAFORMA CRIADA PARA O TESTE FINAL DO iSPD.....   | 50 |
| FIGURA 4.5: RESULTADO DO TESTE COM 2 TAREFAS.....   | 51 |
| FIGURA 4.6: RESULTADO DO TESTE COM 300 TAREFAS.....   | 52 |
| FIGURA A.1: DIAGRAMA DE CLASSES UML DO PACOTE <i>REDESDEFILA.JAVA</i> .....   | 61 |
| FIGURA A.2: DIAGRAMA DE CLASSES UML DOS PACOTES <i>SIMULACAO</i> E<br><i>GERACAO</i> .....                                      | 62 |
| FIGURA A.3: DIAGRAMA DE CLASSES UML DAS CLASSES <i>LISTAEVENTOSFUTUROS.JAVA</i> E<br><i>NOLEF.JAVA</i> .....                    | 63 |
| FIGURA A.4: DIAGRAMA DE CLASSES UML DETALHADO DA CLASSE<br><i>REDESDEFILAS.JAVA</i> .....                                       | 64 |

Excluído: M

Excluído: O

Excluído: 8

Excluído: A

Excluído: A

Excluído: A

Excluído: H

Excluído: H

|  |    |
|--|----|
| FIGURA A.5: DIAGRAMA DE CLASSES UML DETALHADO DA CLASSE          |    |
| CENTROSDeSERVICO .....   | 65 |
| FIGURA A.6: DIAGRAMA DE CLASSES UML DETALHADO DA CLASSE          |    |
| SERVIDORES.JAVA.....   | 66 |
| FIGURA A.7: DIAGRAMA DE CLASSES UML DETALHADO DA CLASSE          |    |
| NOFILA.JAVA.....   | 67 |
| FIGURA A.8: DIAGRAMA DE CLASSES UML DETALHADO DAS CLASSES        |    |
| CAIXATEXTO.JAVA E ESTATISTICA.JAVA.....                          | 68 |
| FIGURA A.9: DIAGRAMA DE CLASSES UML DETALHADO DAS CLASSES        |    |
| ESTATISTICA.JAVA, METRICACS.JAVA, MEDIDASSERVIDOR.JAVA,          |    |
| NOMEDIDASSERVIDOR.JAVA, TAREFAFILA.JAVA E NOTAREFAFILA.JAVA..... | 69 |

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| TABELA 3.1: OS POSSÍVEIS EVENTOS DA SIMULAÇÃO.....                               | 32 |
| TABELA 4.1: OS PARÂMETROS USADOS PARA GERAR AS DISTRIBUIÇÕES DE<br>PROBABILIDADE | 47 |
| TABELA 4.2: AS CARACTERÍSTICAS E OS RESULTADOS DO SISTEMA $M/1$ .....            | 49 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMOK: *Advanced Metacomputing Overlay Kit*  
API: *Application Programming Interface*  
CS: Centro de Serviç%oo  
CPU: Central Processing Unit  
DAG: *Direct Acyclic Grafts*  
FCFS: First Come, First Served  
FIFO: *First In, First Out*  
FE: *Front-End*  
GSPD: Grupo de Sistemas Paralelos e Distribuĩç%odos  
GRAS: *Grid Reality And Simulation*  
GUI: *Graphical User Interface*  
ID: Identificador  
IP: *Internet Protocol*  
JDK: *Java Development Kit*  
JVM: *Java Virtual Machine*  
LIFO: *Last in, First out*  
LEF: Lista de Eventos Futuros  
MSG: Meta-SimGrid  
RR: *Round-Robin*  
SG: SimGrid  
SMPI: *SimGrid Message Passing Interface*  
TTL: *Time to Live*  
UML: *Unified Modeling Language*  
VO: *Virtual Organizations*  
XBT: *Extended Bundle of Tools*  
XML: *eXtensible Markup Language*

# CAPÍTULO 1

## Introdução

O uso de sistemas computacionais de alto desempenho tem crescido intensamente nos últimos anos. Isso se dá tanto em aplicações científicas (genoma, bioinformática, física de partículas, química, engenharias) como em aplicações comerciais (por exemplo, animação, eletrônica, *business intelligence*), criando um espectro de usuários que, em sua maioria, podem ser considerados especialistas em programação de alto desempenho. Essa característica cria duas demandas: existência de ferramentas para desenvolvimento de sistemas e para avaliação de desempenho dos sistemas em uso. É a última decorre da necessidade em se reduzir os custos envolvidos na utilização de sistemas que já são sistematicamente caros.

A partir daí, é preciso considerar que a avaliação de desempenho pode ser realizada por três diferentes técnicas: modelagem analítica, simulação e *benchmarking* [Jain et al., (1991)]. A modelagem analítica apresenta limitações quanto à precisão e a confiabilidade do modelo. Por *benchmarking* apresenta limitações quanto à sua aplicabilidade (necessidade de sistema físico real) e custos associados. A técnica de simulação apresenta em geral problemas de modelagem analítica sem a presença dos problemas de *benchmarking*, sendo uma técnica bastante usada, mesmo considerando-se seus problemas de precisão. O maior problema com a simulação é que as ferramentas disponíveis para aplicação são, sistematicamente, caras.



em geral, limitadas no que diz respeito à facilidade de uso e de geração de modelos.

Dada a importância do tema e dos problemas listados, esta introdução, dentro deste projeto, é feita a proposta de especificação e implementação do motor de uma plataforma de simulação de grades computacionais. Este motor deve ser capaz de prover medidas de desempenho e permitir mudanças nos dados simulados em tempo de execução.

É necessário citar que este projeto é parte integrante de um projeto maior, o iSPD, e que a descrição das outras partes dele pode ser encontrada em [Araújo e Guerra, (2010)]. Este texto trata somente da especificação do motor de simulação e de suas métricas para avaliação de desempenho. A Figura 1.1 ilustra o conceito do simulador.

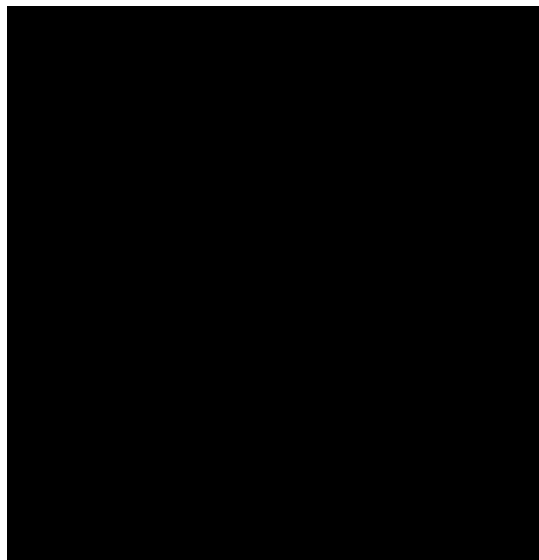


Figura 1.1: Diagrama conceitual da plataforma de simulação.

## 1.1 Objetivos

O objetivo deste trabalho é especificar e implementar um motor de uma ferramenta de simulação de grades computacionais. Assim, podem ser listados os seguintes pontos fundamentais:

1. Identificação de funcionalidades características de grades computacionais

relevantes para a sua simulação;

2. Formulação de um modelo de simulação suficiente para considerar as características dinâmicas e distribuições;

3. Formulação de um ambiente de simulação capaz de analisar o desempenho de aplicações.

## 1.2 Organização da Monografia

No capítulo dois, apresenta-se uma revisão bibliográfica de assuntos relacionados com o projeto, incluindo um estudo detalhado dos simuladores estado da arte em simulação, técnicas de simulação, teoria das filas e um estudo das distribuições de probabilidade estudadas o desenvolvimento do simulador;

Em sequência, no capítulo três, são apresentados os resultados do projeto. Alguns resultados importantes, como os modelos de filas utilizados, as distribuições de probabilidade geradas, os parâmetros e as métricas de saída, também estão descritos;

No capítulo quatro apresentam-se os testes realizados com os geradores de números aleatórios, com o modelo de filas M/M/1 e o motor do simulador propriamente dito, assim como os resultados obtidos;

No capítulo cinco são oferecidas contribuições encontradas, conclusões e direcionamento para trabalhos futuros.

Finalmente, no apêndice A são apresentados os diagramas de classe UML dos pacotes desenvolvidos ao longo do projeto.

Excluído: ,

## CAPÍTULO 2

### Fundamentos Teóricos

Neste capítulo é feita a fundamentação teórica. Entre os temas abordados estão a computação distribuída, a modelagem de grades computacionais, simulação de eventos discretos e de probabilidade, teoria das filas e métricas de avaliação de desempenho. A partir dos estudos dos simuladores, foi possível abstrair os requisitos necessários para efetuar uma simulação de grades computacionais. Compreender a simulação de eventos discretos foi imprescindível para entender o funcionamento do motor de simulação. Através das teorias da probabilidade e das filas foi possível determinar os modelos matemáticos essenciais do projeto. Finalmente, pelo estudo das métricas de avaliação de desempenho, determinou-se as métricas de saída.

Excluído: ?

Excluído: probabilidade

Excluído: e

Excluído: Finalmente, a

Excluído: ,

#### 2.1 Clusters e Grades Computacionais de Alto Desempenho

Sistemas de computação distribuídos, tais como grades, são uma das formas de se fazer computação de alto desempenho. São considerados fracamente acoplados, pois a comunicação entre os nós é realizada por computadores.

Enquanto que, nas arquiteturas fortemente acopladas a comunicação é feita pelos barramentos internos.

Um aspecto característico da computação *cluster* é sua homogeneidade. Na maioria dos casos, os computadores que compõem um *cluster* possuem, em grande parte, as mesmas configurações, todos têm o mesmo sistema operacional e todos estão conectados à mesma rede. Por comparação, os sistemas *mainframe* em grade têm alto grau de heterogeneidade, nenhuma premissa é dada em relação a *hardware*, sistemas operacionais, redes, domínios administrativos, políticas de segurança e assim por diante [Tanenbaum et al., (2007)]

Formatado: Fonte: Itálico

O desenvolvimento de sistemas computacionais de alto desempenho é estimulado pela necessidade, cada vez mais frequente, de se resolver problemas complexos, grandes ou com um alto volume de dados em tempo hábil.

Mesmo sendo menos dispendiosos financeiramente que as outras formas de se fazer computação de alto desempenho, os sistemas *mainframe* distribuídos ainda demandam um investimento considerável e a avaliação de desempenho desses sistemas é uma das medidas interessantes para analisar a viabilidade desse investimento.

## 2.2 Simuladores de Grades Computacionais

A simulação de grades computacionais é pertinente à implementação de plataformas reais para estudos dispendiosa. A implementação de uma grade computacional como, por exemplo, seu poder computacional, podem ser estudados antecipadamente com o uso de simuladores.

Nesta seção, o estudo de simuladores de grades *mainframe* realizado e sua consequente contribuição para o simulador *propos* são relatados. São apresentados a seguir os simuladores *SimGrid* [SimGrid Project, (1999)], *Bricks* [Bricks System, (1999)], *Optorsim* [Bell et al., (2003)], *Gangsim* [Dumitrescu et al, (2005)] e *Gridsim* [Buyya et al., (2002)].

### 2.2.1 SimGrid

Excluído: .

O *Simgrid* é um simulador orientado a eventos e foi concebido para estudar algoritmos de escalonamento centralizados para aplicações científicas paralelas em plataformas computacionais distribuídas e heterogêneas. É *opensource* e está disponível para os ambientes *Windows*, *Linux* e *MacOS*.

A ferramenta implementa uma API para a linguagem C, denominada SG. Com tal API, é possível especificar a simulação de tarefas em determinados recursos.

Os arquivos XML que modelam os recursos e as tarefas são passados ao *Simgrid* como parâmetros na inicialização e os resultados são vistos através de mensagens pré-formatadas [Oliveira, (2008)]

Sua arquitetura em camadas é ilustrada na Figura 2.

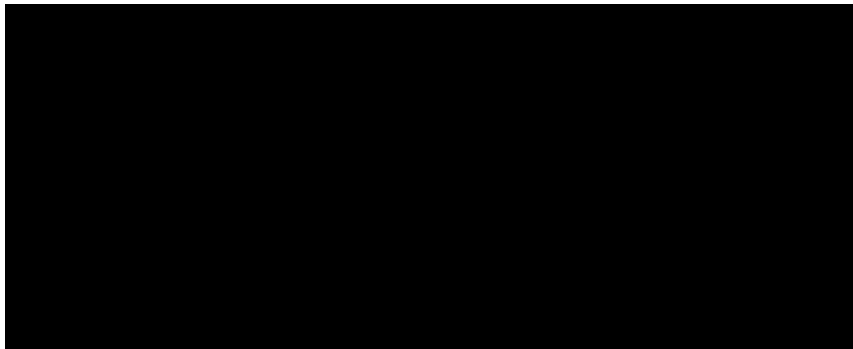


Figura 2.1: Componentes do *Simgrid* [SimGrid Project, (1999)].

### Módulos do *SimGrid*

#### MSG

O MSG [MSG, (1999)] foi o primeiro ambiente de programação distribuído desenvolvido no *SimGrid* e visa a simulação em termos dos agentes de comunicação, portanto o realismo da simulação não é o principal objetivo deste módulo, sendo que muitos detalhes técnicos da plataforma da grade são omitidos.

Excluído: .

No MSG, um agente é responsável por tomar as decisões de planejamento e executar uma tarefa (computação ou transferência de dados). Os seguintes passos fazem parte da simulação em MSG: modelagem do problema, modelagem da plataforma física e alocação dos agentes em nós da rede.

## GRAS

Já o GRAS (*Grid Reality and Simulation*) [GRAS, (1999)] é um *framework* para desenvolvimento de aplicações distribuídas em eventos. Ele possibilita a execução da aplicação juntamente com o simulador em uma plataforma distribuída real (utilizando duas versões distribuídas de sua API). Suas vantagens incluem a facilidade de uso e de controle do simulador e a produção automática de código para uma plataforma real.

Juntamente como o GRAS, existe um *toolkit* chamado AMOK (*Advanced Metacomputing Overlay Kit*) que implementa, em alto nível, diversos serviços necessários para várias aplicações distribuídas.

Os outros ambientes são: o SMPI [SMPI, (1999)] *framework* de execução de aplicações MPI e o alterSimdag [SimDag, (1999)] que faz simulações de aplicações paralelas por meio do modelo DAG que, por vez, possibilita a especificação de relações de dependência entre um programa paralelo; já o SURF [SURF, (1999)] fornece um conjunto de funcionalidades para simular uma plataforma virtual. Além desses, há o XBT representando núcleo de ferramentas *SimGrid* e onde há diversas funcionalidades que auxiliam o SURF como, por exemplo, estruturas de dados, serviços de *logging* e manipulação de grafos.

Os recursos computacionais que executam tarefas são modelados pelo seu poder computacional, enquanto que os links de comunicação são modelados pela sua largura de banda e latência. Por sua vez, as tarefas são modeladas pela sua carga e por sua quantidade.

Formatado: Fonte: Itálico

### 2.2.2 Bricks

Essa ferramenta faz avaliações de desempenho que permitem análise e a comparação de diferentes estratégias de escalonamento de tarefas em sistemas computacionais de alto desempenho. O simulador *Bricks* é implementado em Java, sendo funcional em qualquer sistema operacional com suporte a JVM.

Ele é composto de dois módulos. O ambiente computacional contém o escalonador de tarefa e o módulo responsável pelo monitoramento dos recursos. A unidade de escalonamento representa a estrutura física da grade (clientes, servidores e rede).

O *Bricks* utiliza o sistema FCFS, proporcionando maior realidade às simulações, já que sua carga de trabalho pode ser especificada por meio de parâmetros reais. As modelagens, tanto da arquitetura quanto da aplicação, são feitas através de linguagem script própria do *Bricks*.

Um aspecto interessante deste simulador é o emprego de redes de filas como motor da simulação. A Figura 2.2 mostra como o *Bricks* aplica esse conceito. A fila  $Q_{ns}$  representa a rede do cliente ao servidor, a fila  $Q_{nr}$  funciona como a rede do servidor ao cliente, e os servidores propriamente ditos são representados por  $Q_s$ . As taxas de serviços de  $Q_{nr}$  e  $Q_s$  representam, respectivamente, a largura de banda de cada uma das redes e o poder de processamento dos servidores ( $A$  e  $A_i$  denotam um mesmo cliente, mas foram diferenciados para melhor entendimento).

Figura 2.2: Modelagem do ambiente computacional por redes de filas [Bricks System, (1999)].

A rede entre os clientes e servidores é parametrizada por sua largura de banda, congestionamento e sua variabilidade ao longo do tempo. Os recursos computacionais do sistema distribuído são parametrizados por seu poder computacional, carga de trabalho e variabilidade temporal. E as tarefas são adaptadas para a quantidade de dados transmitidos de/para um servidor em função da distância da tarefa pela rede e pelo número de operações executadas pela tarefa.

### 2.2.3 Optorsim

Com o *Optorsim* é possível realizar o estudo de estratégias de balanceamento baseadas em replicação de dados. Também é implementado e possui uma GUI na qual o usuário pode configurar os parâmetros da simulação e analisar seus resultados.

Para tornar as simulações ainda mais reais, adotou-se a arquitetura de grade de dados desenvolvida pelo projeto *EU Data Grid* [EU DataGrid Project, (2001)].

O *Computing Element* é o componente que executa as tarefas propriamente ditas. O *Storage Element* armazena, em arquivos, os dados utilizados nas simulações. O *Replica Optimizer* decide se as réplicas serão eliminadas ou geradas. O *Resource Broker* gerencia o *Computing Element*.

No *Optorsim*, os detalhes da simulação são mostrados em tempo real da simulação, estatísticas e informações são mostradas.

Os parâmetros utilizados na modelagem dos recursos computacionais são: número de elementos computacionais do *site*, número de elementos de armazenamento do *site* e tamanho dos elementos de armazenamento em megabytes. Para modelar a rede é usada uma matriz diagonal simétrica *site* versus *site*, em que cada elemento indica a máxima largura de banda do canal que liga os sites correspondentes.



### 2.2.4 Gangsim

O *Gangsim* é um simulador discreto orientado a eventos. É implementado em *Perl* e tem uma interface *Web*. Seu uso é indicado quando se deseja avaliar o impacto das políticas de alocação de recursos por sites e organizações virtuais ou quando é necessário simular cargas de trabalho síncronas e assíncronas.

Os componentes dessa ferramenta são os sites constituídos pelos conjuntos de recursos computacionais e de armazenamento, pelos escalonadores e pelo componente para assegurar que a política de alocação de recursos será cumprida e as VOs que são constituídas pelo conjunto de usuários. Os componentes de monitoração.

Os elementos de uma grade real simulados no *Gangsim* são a infra-estrutura de submissão de tarefas, a infra-estrutura de monitoração e a política de uso dessa infra-estrutura.

O *Gangsim* implementa diversos algoritmos e estratégias utilizados para atualizar o estado de diferentes componentes do *framework*. A modelagem é baseada nas políticas de alocação de recursos dos diferentes VOs.

Um site é parametrizado pelo número de CPUs, poder computacional de cada CPU, número de discos, tamanho de espaço em disco, capacidade de comunicação e a largura de banda destes canais. As características da rede instituída entre os sites, a política de escalonamento usada pelo site, a partilha de tempo de CPU, o espaço em disco e a largura de banda que cada VO pode usar são as informações fornecidas para a simulação.

Cada VO utiliza sua própria maneira de escalonamento das tarefas são postas em conjuntos chamados de carga de trabalho.

### 2.2.5 Gridsim

O *Gridsim* [GridSim, (2007)] foi proposto para facilitar a simulação de recursos heterogêneos, usuários, escalonadores e aplicações. Uma aplicação é seu uso quando as estratégias de otimização de aplicações grades exigem grande volume de dados. Também foi projetado para investigar interações e interferências

nas decisões de escalonamento tomadas pelo escalonador. Escrito em *Java*, é dividido em várias camadas. Essa ferramenta *OpenSource*, possui uma extensa documentação e apresenta uma interface gráfica que permite a gravação de arquivos XML para consultas posteriores.

Utiliza o conceito de entidades para representar os usuários, o escalonador com perfil de diferentes usuários, os recursos da grade *Grid Information Service*. E, assim como o *Bricks*, faz uso do sistema FCFS.

A modelagem das tarefas, nesse simulador, é feita por um componente chamado *Gridlet*.

## 2.3 Técnicas de Modelagem de Sistemas

As técnicas de modelagem buscam resolver o modelo de um sistema através de soluções analíticas ou simulações [Chiacchio, (2005

A técnica de solução analítica consiste em definir a estrutura do sistema através de definições lógicas e matemáticas passíveis de análise. Essa técnica fornece resultado preciso, mas a dificuldade da solução adicional é a complexidade do sistema e isso pode acarretar num aumento do custo e do tempo necessários para resolver o problema. Essa técnica é recomendada para situações nas quais o modelo matemático é conhecido.

A técnica de simulação consiste em modelar o sistema transformando-o em um programa que represente com fidelidade o sistema real. É uma técnica prognóstica que examina o comportamento do sistema através de várias execuções do modelo. Por essa técnica ser recomendada de sistemas em fase de projeto e de grande complexidade, uma de suas formas - simulação de eventos discretos - foi adotada neste projeto para a seguir.

### 2.3.1 Simulação de Eventos Discretos

Na simulação orientada a evento, um sistema é modelado através das mudanças que ocorrem no tempo do evento. O projetista do sistema deve, então,

Excluído: A

determinar os eventos que podem causar mudanças no ~~estado~~ do sistema para, em seguida, desenvolver a lógica associada com cada ~~po~~ de evento. A simulação do sistema é produzida pela execução da lógica associada a cada evento, em uma sequência ordenada pelo tempo [Soares, (1991)].

### Sistemas e Ambientes de Sistema

Sistema é uma coleção de itens, entre os quais ~~existem~~ ~~que~~ ~~um~~ ~~objeto~~ de estudo ou de interesse.

Um sistema é frequentemente afetado por mudanças ~~que~~ ~~ocorrem~~ fora dele. Tais mudanças ocorrem no ambiente do sistema. Na modelagem de um sistema é necessário definir claramente os limites entre ~~o~~ ~~sistema~~ e seu ambiente.

Alguns termos precisam ser definidos para uma melhor compreensão sobre um sistema [Banks et al, (2001)]:

Estado do sistema: coleção de variáveis que contém toda ~~informação~~ ~~essencial~~ ~~para~~ ~~descrever~~ o sistema a qualquer instante.

Entidade: qualquer objeto ou componente no sistema que requer uma representação explícita do modelo. Como por exemplo, cliente, máquina, etc.

Atributos: propriedade de uma dada entidade. Como por exemplo, prioridade de uso, trajetos definidos, etc.

Lista: coleção de entidades permanentemente ou temporariamente ~~ordenadas~~ segundo algum critério. Como por exemplo, FCFS ou prioridades.

Evento: uma ocorrência instantânea capaz de mudar o ~~estado~~ ~~do~~ sistema. Como por exemplo, a chegada de um novo cliente.

Notificação de evento: registro de um evento que deve ocorrer no instante atual ou em algum instante futuro, juntamente com quaisquer dados necessários para a execução do evento. Esse registro deve incluir ~~nome~~ ~~do~~ tipo de evento e o tempo do evento.

Lista de eventos futuros (LEF): é uma lista de notificações de eventos ordenada pelo tempo de ocorrência do evento.

Atraso: duração de um tempo cujo tamanho não é conhecido previamente, seja, se é especificado após seu término.

Relógio virtual: é utilizado para representar o tempo simulado, servindo para controle do tempo virtual do sistema. Esse tempo não representa o tempo real do sistema.

Sistemas discretos: são aqueles sistemas nos quais os estados das variáveis mudam apenas em um conjunto discreto de pontos ao longo do tempo.

Modelo: é uma descrição de um sistema por meio de equações matemáticas bem como de representações gráficas ou princípios físicos que governam o sistema, ou seja, o modelo é uma abstração do sistema original.

Simulação: é o processo de elaboração de um modelo de um sistema hipotético e a condução de experimentos com o intuito de entender o comportamento de um sistema ou avaliar sua operação [Sh, (1975)].

Em simulação discreta, somente os eventos onde mudanças no sistema são consideradas, ou seja, o tempo decorrido entre essas alterações não é relevante para obtenção dos resultados da simulação, embora seja necessário. Apresenta-se a seguir o algoritmo *Event Scheduling/Time Advance*, que é o mecanismo para o controle do tempo de uma simulação.

### **O Algoritmo *Event Scheduling/Time Advance* [Banks et al., (2001)]**

é o mecanismo para avançar a simulação e garantir que eventos ocorram em uma ordem cronológica correta. É baseado na LEF.

O gerenciamento da LEF é chamado de processamento da lista e a eficiência desse processamento é muito dependente do método de ordenação da lista. A remoção, adição e remoção por cancelamento são mais realizadas nessa lista.

No contexto de simulações discretas, escalonar um evento futuro consiste em, na eminência desse evento ocorrer, calcular sua duração de uma distribuição de probabilidade e colocar em uma lista tanto o tempo de duração quanto o instante do seu término.

Esse algoritmo segue basicamente os passos descritos a seguir, ilustrados na Figura 2.3:

Passo 1: Remover o aviso do evento eminente da LEF (evento 3, tempo 1).

Passo 2: Avançar o relógio para o tempo do evento eminente, avançar o

relatório de tempo

Passo 3: Executar o evento eminente, atualizando o estado do sistema, mudando os atributos dos elementos e alterando o conjunto de membros (se for necessário).

Passo 4: Gerar eventos futuros (se necessário) e colocá-los na LEF ordenando pelo tempo (Exemplo: o evento 4 ocorre no tempo  $t^*$ , e  $t_2 < t^* < t_3$ ).

Passo 5: Atualizar as estatísticas e os contadores.

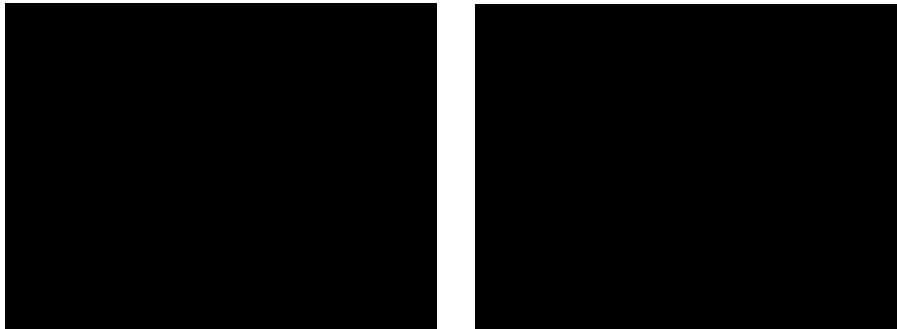


Figura 2.3: O algoritmo *Event Scheduling/Time Advance* [Banks et al., (2001)].

## 2.4 Distribuições de Probabilidade

Uma característica comum a grande parte dos sistemas contínuos ou discretos é que os eventos simulados são, na maioria dos casos, determinísticos, ou seja, não podem ser precisamente determinados a partir do estado atual do sistema. Comportamentos indeterminísticos seguem, em geral, padrões que obedecem a distribuições de probabilidade bem definidas. Assim, uma simulação correta precisa fazer uso de geradores de números aleatórios que respondam adequadamente ao perfil de tais distribuições.

Portanto, um estudo acerca do assunto foi essencial para o desenvolvimento do projeto. Nesse ínterim, além de detectar variáveis pertinentes ao projeto, é importante avaliar suas distribuições de probabilidade. Neste ínterim, as probabilidades dos diversos eventos envolvendo tais variáveis.

A seguir, os conceitos de variáveis aleatórias contínuas são descritos.

Variáveis aleatórias discretas: Seja  $X$  uma variável aleatória. Se o número de possíveis valores para  $X$  for finito ou infinito contável,  $X$  é chamada de variável aleatória discreta.

Variáveis aleatórias contínuas: a faixa de valores que uma variável aleatória  $X$  pode assumir. Se, por um intervalo ou um conjunto de intervalos,  $X$  é chamada de variável aleatória contínua.

Um modelo estocástico de simulação tem uma ou mais variáveis como entrada. Estas entradas aleatórias levam à saída variáveis que podem somente ser consideradas como estimativas das características verdadeiras de um modelo. A seguir, serão vistas algumas das técnicas gerais de números aleatórios.

#### 2.4.1 Técnica da Transformação Inversa

Apesar desta técnica de geração de números aleatórios, aplicável para qualquer distribuição, ela é baseada quando a distribuição acumulada é simples o suficiente para a sua função inversa ser encontrada facilmente.

O método é baseado no fato de que a distribuição  $F(x)$ , tem valor entre 0 e 1, ou seja, no mesmo intervalo de um número aleatório,  $U$ , gerado por um gerador básico. Assim sendo, tendo  $U$ , considera-se esse valor com sendo um valor de  $F(x)$ . Para achar o valor de  $x$ , basta resolver a equação, achando a inversa de  $F(x)$ .

Logo, essa técnica é mais comumente utilizada para gerar amostras das distribuições exponencial, uniforme, Weibull, e empíricas.

Por exemplo, para a geração da distribuição exponencial devem ser executados os seguintes passos para obter a transformação:

- 1) Toma-se  $F(x)$  para distribuição exponencial.  $F(x) = 1 - e^{-x}$  e
- 2) Isola-se o  $x$  na lei de  $F(x)$  exposta acima. O resultado dessa operação é o chamado gerador de variáveis aleatórias. Note-se que, ele é dado por:  $x = (-1) * \ln(1 - F(x))$ .
- 3) Basta agora substituir os valores para  $F(x)$ . Onde  $F(x)$  é obtido através de um gerador de números aleatórios em linguagem Java,

temos a função *Random* da biblioteca *Math* para gerar de números pseudo-aleatórios no intervalo [0, 1].

## 2.4.2 Técnica da Simulação Direta

Algumas distribuições de probabilidade, como a distribuição normal, possuem funções de densidade probabilística cuja integral não é inviolável e desta forma não se pode usar o método da transformação inversa. Nestes casos, é possível utilizar o método da simulação direta. Para aplicar esse método à distribuição normal, considera-se o seguinte: se  $U_1, U_2, \dots, U_N$  são variáveis aleatórias uniformemente distribuídas entre [0,1] segue uma distribuição normal com  $\mu = N/2$  e  $\sigma = \sqrt{N/12}$ , o que resulta na equação 2.1:

$$Z = \frac{\sum_{i=1}^N U_i - \frac{N}{2}}{\sqrt{\frac{N}{12}}} \quad (2.1)$$

Como a equação 2.1 é válida para  $N > 10$ , fazemos para facilitar o procedimento computacional e obtemos  $Z = \sum_{i=1}^{12} U_i - 6$ .

Logo, tem-se um procedimento simples para gerar uma variável aleatória normalmente padronizada. Simplesmente soma-se 12 números aleatórios uniformemente distribuídos em [0,1] e então se obtendo-se um valor para Z. Se o objetivo é gerar uma variável normal (X) com média  $\mu$  e desvio padrão  $\sigma$  gera-se primeiro o número Z e depois gera-se X com  $X = \mu + \sigma Z$ .

## 2.5 Teoria das Filas

A formação de filas é um fenômeno rotineiro que ocorre quando a demanda atual por serviço excede a capacidade de atendimento daquele serviço [Hiller et al., (1988)].

Uma rede de filas é composta por entidades chamadas clientes e um

conjunto de entidades chamadas usuários (ou clientes) que recebem serviços nestes centros. Um centro de serviço   constituído de ~~um~~ <sup>mais</sup> servidores que prestam serviços aos usuários e por uma área de espera (~~em~~ <sup>na</sup> fila) para usuários que esperam pelo serviço requisitado [Santana et al. 94].

Para uma melhor compreensão sobre teoria das filas, alguns conceitos serão elencados:

Tempo entre chegadas: define a freq ncia regular com que os clientes chegam ao sistema [Soares, (1990)].

Tempo de serviço: define o tempo necessário para o servidor executar uma tarefa.

Disciplina de escalonamento: É a regra (algoritmo) utilizada para adicionar e remover os clientes de uma fila. Dentre as regras poss veis de serem utilizadas destacam-se a FIFO, na qual a ordem de atendimento obedece à ordem de chegada; a LIFO, semelhante a uma pilha de pratos onde o último a entrar é o primeiro a sair e RR onde cada cliente é atendido durante certo ~~intervalo~~ <sup>intervalo</sup> de tempo denominado *quantum-time*.

Número de servidores:   possível haver mais de um servidor por centro de serviço. Logo,   necessário determinar ~~quais~~ <sup>quais</sup> servidores atenderão o próximo cliente. A escolha pode ser feita aleatoriamente, por algum critério de prioridade e até mesmo pelo servidor que está mais (ou menos) tempo ~~desp~~ <sup>desp</sup>ado.

Capacidade do sistema: caso a capacidade do sistema não seja infinita, os clientes poderão ser perdidos ou descartados [Babi  (2005)].

### 2.5.1 Not  o de Kendall

A not  o de Kendall [Kleinrock, (1975)] explicita características do centro de serviço. Por isso, ela é utilizada para descrever filas. Esta not  o é definida pela quíntupla:



A/S/c/k/m

Excluído:  $\bar{I}_c$ 

Onde:

$\bar{I}_c A_i$  representa a distribuição estatística da taxa de chegada;

$\bar{I}_c S_i$  representa a distribuição estatística da taxa de serviço;

$\bar{I}_c c_i$  representa o número de servidores no centro de atendimento;

$\bar{I}_c k_i$  e  $\bar{I}_c m_i$  o número máximo de usuários que podem estar na concomitantemente, ou seja, representa a capacidade da fila;

$\bar{I}_c m_i$  e  $\bar{I}_c s_i$  o número máximo de usuários na população;

Quando  $\bar{I}_c k_i$  e  $\bar{I}_c m_i$  são infinitos, a notação  $\bar{I}_c$  é reduzida para  $\bar{I}$ .

A/S/c

As distribuições mais recorrentes nas taxas de chegada e serviço são diretamente representadas por letras específicas:

M: distribuição exponencial;

D: taxa constante;

E<sub>k</sub>: Distribuição k-Erlang;

H<sub>k</sub>: Distribuição hiperexponencial de k estados;

## 2.5.2 A Fila M/M/1

Se o servidor estiver livre, quando o cliente chega ao sistema, ele faz o atendimento imediatamente. Caso contrário, o cliente ~~se~~ <sup>entra</sup> na fila associada aquele servidor e aguarda sua vez. No momento apropriado, o cliente é selecionado para atendimento, que ocorre de acordo com a disciplina da fila. O serviço requisitado é executado pelo servidor e ao seu término ~~o cliente~~ <sup>o cliente</sup> abandona o sistema.

[Machado, (2008)]. Esta fila é representada pela Figura 2.4.

Figura 2.4: A representação gráfica de uma fila M/M/

### 2.5.3 Filas Multi-Servidor

No modelo ilustrado na Figura 2.5 vários servidores compartilham uma mesma fila. É comum considerar  $N$  como o número de servidores, que todos os servidores são iguais. Essa consideração facilita a escolha do servidor para o qual a tarefa será alocada. Se um cliente chegar, pelo menos, um servidor livre, esse cliente é atendido imediatamente. Mas, se todos os servidores estão ocupados, a fila é formada.

Figura 2.5: A representação gráfica de uma fila com vários servidores.

### 2.5.4 Múltiplas Filas com Servidores únicos

Em contraste com o modelo anterior, temos o modelo que trabalha com vários servidores, porém cada um possuindo sua própria fila. Esse modelo é mostrado na Figura 2.6.

Figura 2.6: A representação gráfica de vizinhos dos servidores.

## 2.6 Métricas de Saída

Métricas são utilizadas para quantificar e mensurar o desempenho de um sistema e através delas os resultados podem ser analisados com o intuito de tirar conclusões e gerar mudanças para melhorar o sistema [Falavinha Jr, (2009)].

A execução de uma simulação tem como objetivo a obtenção de resultados relativos a essas métricas de desempenho de interesse do usuário. As métricas de saída são importantes, pois são através delas que se verifica o comportamento do sistema simulado.

### 2.6.1 Tempo Total Simulado

Conforme o nome sugere, essa métrica aponta o tempo total simulado. Isso é feito marcando o instante de tempo em que a simulação começa e o tempo em que ela termina. Após isso, o tempo inicial é subtraído do tempo final conforme a equação 2.2.

$$\text{Tempo Total Simulado} = \text{Tempo Final} - \text{Tempo Inicial}$$

22.

### 2.6.2 Ociosidade

Ociosidade do sistema é o tempo que a plataforma fica sem uso. Ele é calculado utilizando o tempo em que os servidores ficaram disponíveis, isto é, o tempo em que não havia tarefa sendo executadas em um servidor.

Então, somando-se o tempo total que um servidor ficou livre e dividindo pelo tempo total da simulação obtemos a ociosidade do servidor. Para a ociosidade total do sistema, fazemos isso para todos os servidores.

Portanto, podemos calcular a ociosidade de um servidor utilizando a equação 2.3 e a ociosidade total do sistema pela equação 2.4

$$\text{Ociosidade do servidor (\%)} = (T_{\text{livre}} / T_{\text{simulação}}) \times 100 \quad (2.3)$$

$$\text{Ociosidade Total (\%)} = (\text{Ociosidade de todos os servidores}) / \text{número total de servidores} \quad (2.4)$$

### 2.6.3 Eficiência

A eficiência é uma métrica de saída que aponta se o sistema foi eficiente para uma tarefa, ou seja, ela é uma medida de quão bem o sistema está sendo utilizado. Ela é obtida através da divisão da tarefa e pelo quanto ela recebe de potência computacional do sistema.

Para calcularmos a eficiência do nosso sistema, calculamos a carga computacional da tarefa e dividimos pela capacidade recebida multiplicada pelo tempo de execução. Após isso, obtemos a eficiência da tarefa (equação 2.5). Para finalizar, efetuamos uma média entre todas as tarefas do sistema (equação 2.6). Se o valor determinado na equação 2.8 for acima de 70% ela é classificada como boa, entre 70% e 40% como média e, abaixo disso como ruim.

$$\text{Eficiência (\%)} = \text{Carga Computacional} / (\text{Capacidade Recebida} \times \text{Tempo de Execução}) \quad (2.5)$$

$$\text{Eficiência média das tarefas (\%)} = (\text{Soma das eficiências}) / \text{número total de tarefas} \quad (2.6)$$

#### 2.6.4 Satisfação

A satisfação do usuário é uma métrica de desempenho que descreve o quanto o usuário está satisfeito com o sistema. A satisfação do usuário é algo complexo de definir e de medir, uma vez que muitos fatores podem ser considerados como qualidade do serviço, tempo médio de resposta e tempo de entrega (Falavinha Jr., 2009).

Para o nosso simulador, essa métrica é calculada com base no comportamento ideal esperado pelo usuário, que deseja o sistema inteiro para executar suas tarefas, e o comportamento real do sistema. De acordo com o tamanho de cada tarefa e o instante em que elas chegam ao sistema é possível determinar o instante final esperado para sua finalização. Quando o tempo real de finalização se aproximar do tempo ideal esperado, mais satisfeito o usuário estará. Essa métrica é calculada da seguinte forma:

Primeiramente calcula-se a satisfação para cada tarefa do usuário utilizando a equação 2.7, na qual  $T_{ideal}$  representa o tempo em que a tarefa terminaria, por exemplo, se uma tarefa com carga de 15 unidades de processamento chegasse no instante 10 e o servidor processa a uma taxa de 1 unidade de processamento por u.t.,  $T_{ideal}$  seria 25. Já  $T_{real}$  é o instante em que ela realmente acabou de executar. A diferença entre  $T_{ideal}$  e  $T_{real}$  pode acontecer porque a tarefa pode parar de executar. A diferença entre  $T_{ideal}$  e  $T_{real}$  pode acontecer porque a tarefa pode parar de executar.

Após o cálculo da satisfação de cada tarefa, a satisfação do usuário é calculada pela equação 2.8 em que a satisfação de todas as tarefas são somadas e o resultado desta operação é dividido pelo número total de tarefas.

$$\text{Satisfação da tarefa (\%)} = ((T_{ideal} - T_{real}) / T_{ideal}) \times 100 \quad (2.7)$$

$$\text{Satisfação Total (\%)} = (\text{Satisfação de todas as tarefas} / \text{número total de tarefas}) \quad (2.8)$$

Excluído: 100

### 2.6.5 Métricas Obtidas das Tarefas

Através das tarefas é possível obter vários tipos de tempo médio de espera, o tempo médio de servidor, tempo médio de sistema e tempo médio entre chegada das tarefas. O simulador implementado mede três tempos que são:

1. Tempo médio de fila é o tempo médio que cada tarefa para começar sua execução. Ele é medido, primeiramente, a diferença entre o tempo que a tarefa chegou ao servidor e o tempo em que ela chegou ao sistema (equação 2.9), conforme a equação 2.10. Depois disso, calcula-se o média dos tempos (equação 2.10).

Formatado: Fonte: 12 pt

$$\text{Tempo da tarefa na fila} = T_{\text{entrada no servidor}} - T_{\text{entrada no sistema}} \quad (2.9)$$

$$\text{Tempo médio de espera} = (\text{Tempo de todas as tarefas na fila}) / \text{número total de tarefas} \quad (2.10)$$

Formatado: Fonte: 12 pt

2. Tempo médio de servidor é essa medida representa o tempo médio que o servidor foi utilizado pelas tarefas de uma fila, ou seja, a média de uso do servidor por uma tarefa. Ele é obtido de forma análoga ao tempo médio de fila conforme as equações 2.11 e 2.12.

Formatado: Fonte: 12 pt

$$\text{Tempo da tarefa no servidor} = T_{\text{saída do sistema}} - T_{\text{entrada no servidor}} \quad (2.11)$$

$$\text{Tempo médio de servidor} = (\text{Tempo das tarefas no servidor}) / \text{número total de tarefas} \quad (2.12)$$

Formatado: Fonte: 12 pt

3. Tempo médio de sistema é a última métrica calculada, o tempo médio em que cada tarefa ficou no sistema. É calculado da mesma maneira que as métricas de tempo médio de fila e de servidor. Seus cálculos estão detalhados nas equações 2.13 e 2.14.

Excluído: que o sistema desenvolvido

$$\text{Tempo da tarefa no sistema} = T_{\text{saída do sistema}} - T_{\text{entrada na fila}} \quad (2.13)$$

$$\text{Tempo médio das tarefas no sistema} = (\text{Tempo de todas as tarefas no sistema}) / \text{número total de tarefas} \quad (2.14)$$

## 2.7 Considerações Finais

Excluído:  $\bar{t}_c$   
 $\bar{t}_c$

Este capítulo tratou de todo o embasamento teórico necessário para sustentar o desenvolvimento do projeto. O estudo de computação de alto desempenho e dos simuladores de grades computacionais existentes contribuiu para a identificação dos principais parâmetros envolvidos na construção de um simulador de grades computacionais. Em seguida, foi feita uma breve discussão a respeito de técnicas de modelagem e avaliação de desempenho, mais precisamente de simulação. Em conjunto com simulação, foram vistos temas como técnicas e técnicas para geração de números aleatórios, pois estes são importantes no processo de simulação. Para finalizar, as métricas de saída de um motor de simulação do iSPD foram abordadas possibilitando o desenvolvimento integral do motor de simulação que, por sua vez, será discutido no capítulo

## CAPÍTULO 3

### Desenvolvimento do motor de simulação

Neste capítulo apresenta-se todo o processo de desenvolvimento do projeto. O paradigma de programação utilizado para implementar o motor de simulação foi o Orientado a Objetos e a linguagem escolhida foi Java. Aproveitando os benefícios dessas ferramentas, os vários componentes do motor de simulação foram divididos em estruturas do tipo pacote e, para facilitar a compreensão das soluções propostas, os pacotes criados (Simulação, Redes de Filas e ~~Redes de Filas~~ ~~Algoritmos~~) são apresentados separadamente, assim como as classes pertencentes a cada um desses pacotes. Premissas de engenharia de *software* consideram a abordagem modular uma boa prática de programação, pois ela facilita a extensão do *software*. Além disso, optou-se por também oferecer separadamente o diagrama de classes da modelagem UML desses pacotes para que se tenha uma maior clareza do projeto, o que foi feito no Apêndice A. A notação UML utilizada é a apresentada em [Guedes, (2009)].



### 3.1 O interpretador de modelos e o modelo simulável

Como esse projeto é uma parte de um projeto global, é prudente fazer sua contextualização. No final, o motor de simulação é desenvolvido por outras partes da ferramenta para poder executar a simulação, sendo necessário saber que dados são esses e como eles são recebidos.

No momento em que o usuário utiliza o iSPD, ele interage com a ferramenta através de sua interface gráfica, mostrada na Figura 3.1. Essa interação consiste em inserir os ícones desejados e configurar os parâmetros com os valores que representem o seu sistema computacional. Após essa etapa, o interpretador de modelos organiza os dados num modelo simulável e passa esse modelo para o motor de simulação.

Figura 3.1: A interface gráfica do simulador iSPD.

O modelo simulável é composto por uma descrição do sistema, passada através de um arquivo gerado no interpretador de modelos. Ele contém os dados necessários para o funcionamento correto do motor de simulação. O conjunto dos dados que parametrizam o sistema computacional a ser simulado e que podem pertencer ao modelo simulável são formados pelos seguintes elementos:

- ícone máquina: poder computacional, taxa de ocupação que diz se a máquina é mestre ou escravo;
- ícone cluster: quantidade de nós (incluindo o nó mestre computacional,

largura de banda e latência da rede de interconexão; cluster e algoritmo de escalonamento das tarefas;

ícone enlace de rede: largura de banda, latência e taxa de ocupação;

ícone de Internet: largura de banda, latência e taxa de ocupação.

ícone de tarefas: número de tarefas; tamanho mínimo, máximo e valor de probabilidade de processamento das tarefas; tamanho médio, mínimo, máximo e valor de probabilidade de tamanho de comunicação das tarefas e tempo médio de chegada das tarefas na fila; quantidade de tarefas iniciais de cada nó escalonador.

O conjunto de tarefas é caracterizado pelo tempo médio de chegada da tarefa na fila, tamanho médio de processamento das tarefas, tamanho médio de comunicação das tarefas. De acordo com resultados de [Lublin et al., (2003)], há determinadas distribuições de probabilidade que representam cada uma dessas grandezas mais fidedignamente. O tempo médio de chegada na fila é mais bem representado pela distribuição exponencial cujo parâmetro necessário para se gerar um número que respeite essa distribuição é a distribuição. Já os volumes de processamento e de comunicação são mais representados por uma distribuição chamada *Uniforme* [Lublin et al., (2003)] como será visto mais adiante na seção 3.1. Os demandados quatro parâmetros para se gerar um número dessa distribuição.

Após o usuário inserir esses dados na interface gráfica da ferramenta e o interpretador de modelos preparar o modelo simulável, as operações do motor de simulação podem ser iniciadas.

### 3.2 Os eventos do motor de simulação

A definição de quais eventos podem causar mudanças no sistema é uma etapa imprescindível na construção de uma ferramenta de simulação. Para facilitar o entendimento do projeto, os eventos definidos para ele serão apresentados em dois níveis. O primeiro nível, mais alto, é o *alto nível*, considerando o sistema da Figura 3.2. O segundo nível, mais baixo e detalhado, é o *baixo nível*, descrito mais adiante, na seção 3.3.

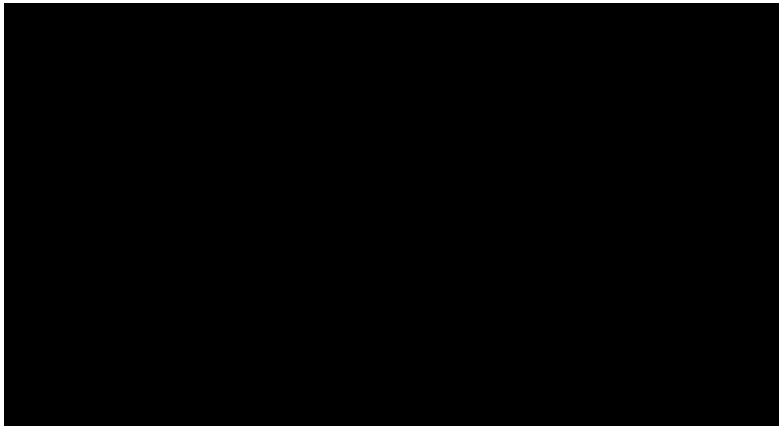


Figura 3.2: Os possíveis eventos de uma grade computacional.

Os números presentes na Figura 3.2 indicam as seguintes ações:

- 1) Chegada de uma tarefa na fila da grade (sistema  $FE_{grade}$ );
- 2) Entrada da tarefa no  $FE_{grade}$  para início efetivo de todo o processo;
- 3) Sistema escalona/processa a tarefa;
- 4) Saída da tarefa do  $FE_{grade}$ ;
- 5) Chegada da tarefa na fila de um sistema de comunicação (supondo que o escalonamento determinou a ida da tarefa para o cluster no canto superior direito);
- 6) Entrada da tarefa no sistema de comunicação da grade;
- 7) Sistema de comunicação da grade envia a tarefa;
- 8) Saída da tarefa do sistema de comunicação da grade;
- 9) Chegada da tarefa na fila de um *cluster* (no  $FE_{cluster}$ );
- 10) Entrada da tarefa no  $FE_{cluster}$  para ser escalonada;
- 11) Saída da tarefa do  $FE_{cluster}$ ;
- 12) Chegada da tarefa na fila do sistema de comunicação *cluster*;
- 13) Entrada da tarefa no sistema de comunicação *cluster*;
- 14) Sistema de comunicação *cluster* processa a tarefa;
- 15) Saída da tarefa do sistema de comunicação *cluster*;
- 16) Entrada da tarefa em um sistema de processamento do *cluster* (sistemas de processamento não terão filas, ou ele está livre a tarefa, ou ele está ocupado e a tarefa fica na fila do próprio  $FE_{cluster}$ );
- 17) Sistema de processamento processa a tarefa;

- 18) DEVOLUIÇÃO PARCIAL: Sistema de processamento devolve resultados para o  $FE_{cluster}$ ;
- 19) DEVOLUIÇÃO TOTAL:  $FE_{cluster}$  devolve resultados para o  $FE_{grade}$ ;

### 3.3 O pacote Simulação

Este pacote é o núcleo do motor de simulação das classes Simulacao.java, ListaEventosFuturos.java, NoLEF.java e Relogio.java.

#### 3.3.1 A classe Simulacao.java

A classe Simulacao.java pode ser considerada o núcleo do motor de simulação. Seus métodos realizam as três atividades principais: a montagem da infraestrutura computacional da grade a ser simulada, a criação inicial das tarefas executadas pela infraestrutura previamente montada e, finalmente, a simulação propriamente dita.

Inicialmente, alguns objetos de outras classes são instanciados, são eles: um objeto da classe `RedesDeFilas.java`, outro da classe `ListaEventosFuturos.java`, um terceiro da classe `GeracaoNumAleatorios.java` e o último da classe `Relogio.java`. Em seguida, o método que monta o sistema simulado é chamado e os elementos da rede de filas - os servidores de serviço, as ligações entre eles, seus escravos, servidores e filas - são adicionados a ela. Como essas ações são feitas no objeto redeDeFilas, realizamos através de chamadas a determinados métodos da classe `RedesDeFilas.java` e serão abordados posteriormente [na seção 3.4.1](#).

Após a fase de montagem da infraestrutura computacional faz-se a criação das tarefas executadas no sistema. Essa atividade pode ser feita de dois modos, sendo a diferença entre eles o fato de que em um deles a quantidade inicial de tarefas alocadas em cada nó escalonador da grade é determinado pelo usuário, já no outro essa característica é determinada automaticamente pelo sistema. Em comum, ambos os modos oferecem a opção do usuário determinar o tempo médio de

chegadas entre as tarefas e os valores mínimo, máximo e de probabilidade para os tamanhos de processamento computacional e de comunicação das tarefas) necessários para a criação das tarefas em si.

Quando é o sistema que deve determinar a quantidade inicial de tarefas alocadas em cada escalonador, ele o faz dividindo a quantidade de tarefas igualmente entre cada escalonador, com o detalhe do último escalonador ficar também com o resto desta divisão.

A criação de cada tarefa propriamente dita consiste a determinação da quantidade inicial de tarefas alocadas em cada escalonador, fazer, através do objeto da classe GeracaoNumAleatorios.java, a geração de números aleatórios que representarão o tempo de chegada na fila e os tamanhos de processamento e de comunicação de cada uma dessas tarefas e, logo em seguida, adicionar cada tarefa ao centro de serviço previamente determinado para ela.

Posteriormente à criação das tarefas, a principal atividade do motor (iniciaSimulacao) e a simulação em si passam a ocorrer. Conceitualmente, esse método pode ser dividido em duas partes que juntas formam a implementação do algoritmo *Event Scheduling/Time Advance*: a de controle e a da execução da simulação. O controle consiste em inserir e remover de modo adequado, os eventos da LEF e atualizar o relógio da simulação. E isso, a execução consiste em efetivamente realizar o evento mais recente da lista de eventos futuros e agendar possíveis eventos futuros gerados pelo evento atual.

Com isso, o método adota a seguinte ordem: enquanto há tarefas que ainda não foram alocadas para seus respectivos centros de serviço, elas vão sendo alocadas e as que já foram alocadas habilitam o acontecimento de outros eventos, como por exemplo, o escalonamento de uma delas. Esses novos eventos podem acontecer antes mesmo de ainda restarem tarefas para serem alocadas, para isso basta o tempo de ocorrência deles ser menor que o tempo de chegada da tarefa na sua respectiva fila. Quando todas as tarefas já tiverem sido alocadas nos escalonadores iniciais, a simulação consiste apenas em repetir as operações para o evento atual e agendar possíveis novos eventos que esse evento gere. Essa repetição continua até que todas as tarefas criadas inicialmente receberem uma marcação de finalizada.

A seguir, os eventos possíveis de acontecer no sistema e as interações entre eles serão descritos, mas para facilitar o entendimento, a maneira com a simulação

Excluído: as tarefas já alocadas

acontece de fato, é possível analisar a Rede de Petri apresentada na Figura 3.3.

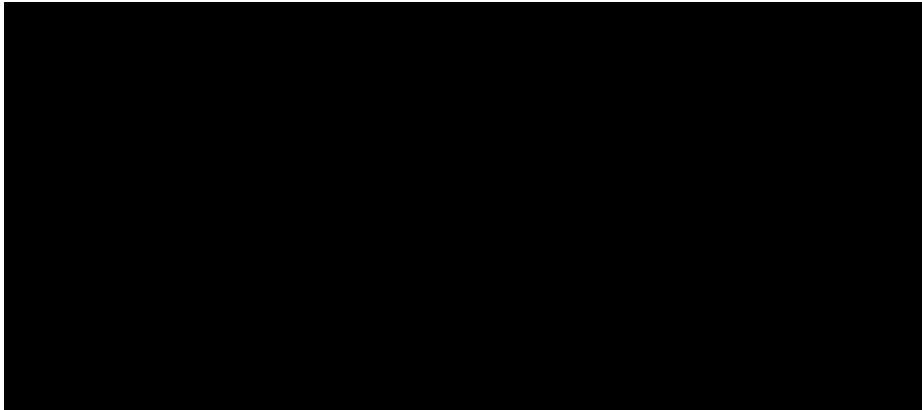


Figura 3.3: A modelagem com Rede de Petri dos eventos da simulação.

Tabela 3.1 Os possíveis eventos da simulação.

| Lugares |  | Transições |  |
|---------|--|------------|--|
| P0      | Chegada de uma tarefa a uma fila do sistema.                         | T0         | Criação de tarefas.  |
| P1      | Entrada de uma tarefa em um nó escalonador/mestre                    | T1         | Migração da tarefa de uma fila para um nó escravo  |
| P2      | Escalonamento de uma tarefa.   | T2         | Habilitação de uma tarefa.   |
| P3      | Saída de uma tarefa de um nó escalonador.                            | T3         | Liberação da saída da tarefa de um nó escalonador.   |
| P4      | Servidor mestre desocupado.  | T4         | Alteração do servidor mestre para livre e colocação da tarefa atual na fila de outro centro de serviço |
| P5      | Entrada de uma tarefa em um nó de comunicação.                       | T5         | Migração da tarefa de uma fila para um nó de comunicação.  |
| P6      | Envio de uma tarefa.   | T6         | Habilitação do envio de uma tarefa.  |
| P7      | Saída de uma tarefa em direção a um nó de comunicação intermediário. | T7         | Migração da tarefa de um nó de comunicação para outro nó de comunicação (intermediário)                |
| P8      | Servidor de processamento desocupado.                                | T8         | Habilitação da saída da tarefa de um nó de comunicação   |
| P9      | Servidor de comunicação desocupado.                                  | T9         | Migração de um nó de comunicação para seu destino final.   |
| P10     | Saída de uma tarefa em direção ao destino final                      | T10        | Migração da tarefa de um nó de comunicação para seu destino final                                      |
| P11     | Entrada da tarefa em um servidor de processamento.                   | T11        | Habilitação do processamento de uma tarefa.  |
| P12     | Processamento de uma tarefa.   | T12        | Habilitação para finalizar uma tarefa.   |
| P13     | Finalização de uma tarefa.   | T13        | Termino da simulação   |

Após a definição dos eventos da Tabela 3.1, constata-se que dois deles - processamento e envio de tarefas - consomem quantidades de tempo relevantes para os modelos simulados e, assim, alteram o relógio da simulação. Isso acontece, respectivamente, de acordo com as equações 3.1 e 3.2.

$$\text{tempo de processamento} = \frac{\text{tamanho computacional da tarefa}}{\text{poder computacional do servidor de processamento}} \quad (3.1)$$

$$\text{Tempo de comunicação} = \frac{\text{tamanho de comunicação da tarefa}}{\text{largura de banda do servidor de comunicação}} + \text{latência da rede} \quad (3.2)$$

A partir daí, a implementação do motor foi feita para proporcionar o funcionamento relatado anteriormente. O exemplo da codificação de um dos eventos (evento 5 que corresponde ao lugar P6 (envio de tarefa) da Rede de Petri) pode ser visto na Figura 3.4. Através desse exemplo, consegue-se perceber que o motor foi construído para receber o evento atual da lista de eventos futuros, considerar seu tipo e realizar as ações necessárias. Além disso, há algumas ações comuns a todos os eventos que são: primeiramente atualizar o relógio da simulação, realizar a atividade particular do evento, remover o evento atual da lista de eventos futuros e gerar, sob determinadas condições, novos eventos futuros, adicionando-os à LEF. Se formos considerar a divisão conceitual do motor feita anteriormente, a linha 701 corresponde à parte de execução da simulação e o restante não. Assim, fica evidente também que a parte de execução da simulação é realizada pelas outras classes do motor e não pela classe Simulação.java.

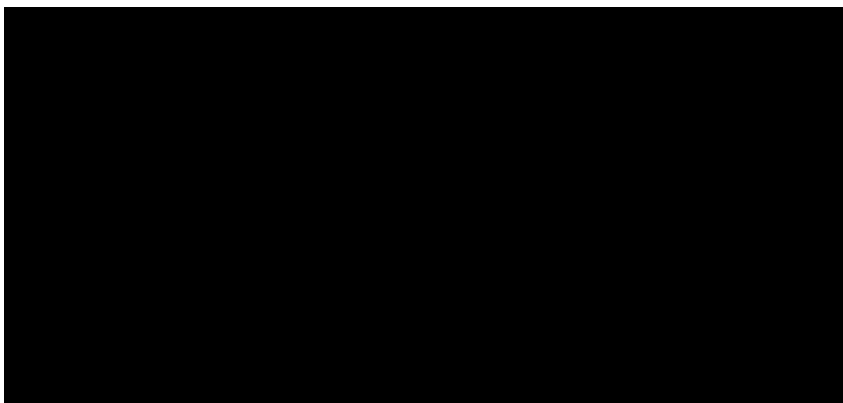


Figura 3.4: A implementação da chamada do evento de tarefa.



### 3.3.2 As classes `ListaEventosFuturos.java`, `NoLEF.java` e `Religião.java`

A classe `ListaEventosFuturos.java` suporta a `LinkedList` de simulação e possui métodos para manipular os objetos da classe `NoLEF.java`. Os principais métodos adicionam e retiram eventos da LEF. Os outros métodos fornecem o suporte necessário para que os métodos principais executem suas funções.

Dois recursos interessantes da linguagem Java para a implementação de filas são a classe `PriorityQueue` e a interface `Queue` [Deitel et al., (2005)]. A interface `Queue` estende a interface `Collection` e fornece operações para inserir, remover e inspecionar elementos em uma fila. A classe `PriorityQueue` permite inserções de tal modo que o elemento de maior prioridade será o primeiro elemento a ser removido da estrutura. Esses recursos foram utilizados na implementação da classe `ListaEventosFuturos.java`, pois a inserção na LEF é de ordenada crescentemente pelo instante de ocorrência dos seus elementos, ou seja, os eventos de menor instante de ocorrência devem ser inseridos de maneira a permitirem a retirada (escalonamento) deles antes dos outros.

O método `compareTo` da classe `PriorityQueue` da linguagem Java que deve ser sobrescrito para poder indicar para sua classe qual será o critério de ordenação da fila de prioridade implementada no caso da classe `NoLEF.java`, ele foi sobrescrito para indicar que o instante de ocorrência da tarefa na fila (`tempoOcorrencia`) é o critério de ordenação das tarefas, ou seja, as tarefas devem ser ordenadas crescentemente pelo seus tempos de chegada na fila. A Figura 3.5 mostra o método `compareTo` da classe `NoLEF.java`.



Figura 3.5: O método `compareTo` da classe `NoLEF.java`.

Por sua vez, a classe `NoLEF.java` é a responsável por objetos que contém as informações necessárias para a realização dos cálculos da simulação. Essas informações - tais como instante de ocorrência, identificador do centro de serviço onde o evento ocorrerá e dos envolvidos (servidor, fila e tarefa) - são armazenadas nas variáveis de instância para poderem ser

acessadas pelo motor de simulação.

O objeto da classe `Relogio.java` controla o tempo da simulação. A classe contém apenas uma variável de instância, que armazena o tempo da simulação, e alguns métodos que realizam as seguintes ações: inicialização da variável, atualização da variável, incremento da variável e retorno de seu valor atual.

### 3.4 O pacote Rede de Filas

O pacote `RedesDeFilas.java` é o conjunto das classes que abstraem a teoria das filas e permitem a sua execução computacional. Os membros desse conjunto permitem a representação tanto da infraestrutura operacional dos sistemas distribuídos quanto das tarefas a serem executadas. As classes do pacote são:

`RedesDeFilas.java`, `CentrosDeServico.java`, `Servidores.java`, `Filas.java` e `NoFila.java`.

**Excluído:** A Figura 4 ilustra a modelagem deste pacote.

#### 3.4.1 A classe `RedesDeFilas.java`

A ideia por trás desta classe é tratar os diferentes de serviços presentes no modelo a ser simulado como vértices de um grafo armazenar suas ligações numa matriz de adjacência. Assim, a matriz será quadrada seja, tanto a quantidade de linhas quanto a quantidade de colunas são o número de centros de serviços presentes no modelo. Os elementos da matriz são 1 ou 0 representando o fato de haver ou não ligações entre os centros representados nas linhas e aqueles representados nas colunas.

Essa classe contém poucas variáveis de instância, o trabalho de manipulação das informações para a simulação é realizado pelas classes deste pacote, cabendo à classe `RedesDeFilas.java` apenas o gerenciamento da estrutura e não o processamento dos dados. Isso quer dizer que, devido tanto à estrutura de codificação quanto às estruturas utilizadas na implementação do projeto, os métodos da classe `RedesDeFilas.java` na grande maioria das vezes, não executam efetivamente os eventos da simulação, eles apenas fazem na verdade

apenas localizar um determinado elemento (aquele no qual o evento ocorrerá) do seu conjunto de centros de serviço e repassar para este elemento a responsabilidade pela execução do evento. Então, um fato a se notar é que foi dada a alguns desses métodos os mesmos nomes dos métodos de outras classes, isso foi feito propositalmente para que essa coincidência de nomes seja mais explícita, facilitando o entendimento do projeto.

Excluído: o

Apesar do grande número de métodos da classe, a maioria das ações da grande maioria deles é feita facilmente apenas com observação de suas implementações. Para tornar esse entendimento ainda mais simples é possível agrupá-los em algumas categorias de acordo com o papel exercido por eles. Esses grupos podem ser classificados como:

Métodos de montagem da infraestrutura: `RedesDeFilas`, `adicionaCentroServico`, `adicionaServidorProcto`, `adicionaServidorCom`, `adicionaServidoresClr`, `adicionaFila`, `inteligasCSs`;

Iniciadores dos eventos da simulação: `adicionaTarefaFila`, `entradaTarefaMestre`, `escalonaTarefa`, `saidaTarefaMestre`, `envioTarefa`, `entradaTarefaServComun`, `saidaTarefaServComunHopIntermediario`, `saidaTarefaServComunHopFinal`, `entradaTarefaServProc`, `saidaTarefaServidor`, `processamentoTarefa`;

Auxiliares: `peekFilaMestre`, `peekFilaComun`, `determinaCaminho`, `verificaSeServEMestre`, `verificaMestreLivre`, `verificaFilaComunVazia`, `Dijkstra`, `verificaFilaMestreVazia`, `verificaSeServidorEstaLivre`, `confereRF`, `localizaCSanterior`, `buscaIdTarefaAlocadaMestre`, `instanciaMatrizVetor`, `buscaIdTarefaAlocadaServidor`, `csAtualEhEscalonador`;

Entre todos esses métodos, um deles merece atenção especial: `escalonaTarefa` do grupo dos métodos iniciadores de eventos da simulação. Esse método pode ser dividido em duas partes, uma para escalonamento local (interno) ou global (externo) das tarefas e outra para o roteamento da tarefa, ou seja, ele determina o caminho que a tarefa terá de percorrer para ir do seu centro de serviço atual até seu centro de serviço de destino. Atualmente, o algoritmo de escalonamento implementado para ambos os casos de escalonamento (externos e internos) é o *Round-Robin* e o algoritmo de roteamento é baseado no algoritmo de *Dijkstra*.

[Boaventura et al., (2009) para a determinação dos caminhos mínimos entre dois vértices de um grafo.

### 3.4.2 A classe CentrosDeServico.java

Os métodos dessa classe são análogos aos métodos da classe RedesDeFilas.java e possuem as mesmas funções. Assim como na classe RedesDeFilas.java, alguns métodos da classe CentrosDeServico.java repassam a execução de suas atividades para as classes Servico.java e Filas.java. Um exemplo é dado na Figura 3.6, que mostra o método removeElementosFila instanciando um objeto temporário da classe Filas.java e chamando o método removeElementosFila desse objeto para efetivamente remover o elemento.

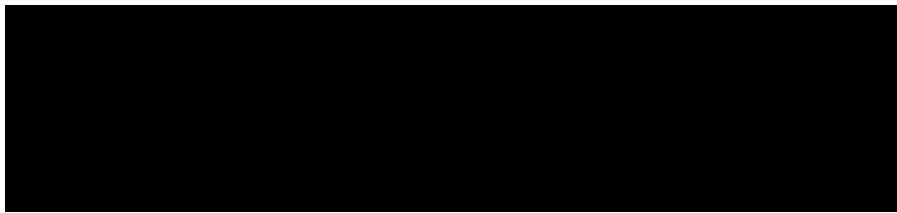


Figura 3.6: O método removeElementosFila da classe CentrosDeServico.java

É importante destacar que para atender os requisitos do projeto, cada centro de serviço representa um entre quatro tipos disponíveis que as ações e métodos efetuados por cada centro de serviço dependem do tipo dele e, consequentemente, de sua função específica na grade computacional. Os tipos

Tipo 0: centros de serviços que contém apenas um servidor mestre ou um servidor de processamento;

Tipo 1: centros de serviço que contém conglomerados de máquinas (clusters);

Tipo 2: centros de serviço que representam enlaces de ponto-a-ponto;

Excluído: que

Excluído: efetua

Excluído: e seu

Tipo 3: centros de serviço que representam conexões de do tipo Internet.

Além do tipo, as variáveis de instância da classe `DServico.java` armazenam informações como: identificador do centro de serviço, número máximo de servidores, número atual de servidores, número de servidores livres, número máximo de filas, número atual de filas, um vetor com identificadores de seus escravos, posição do escravo que atualmente realiza tarefa (para o algoritmo de escalonamento), entre outras.

### 3.4.3 A classe `Servidores.java`

Dentro da solução proposta neste projeto para alocação de grades computacionais, a classe `Servidores.java` foi pensada para seus objetos representarem os elementos de processamento propriamente ditos, ou seja, os nós dos sistemas distribuídos.

A partir daí, as variáveis de instância dessa classe armazenadas por elas são: `idServidor` (identificador do servidor), `tipoServidor` (processamento ou comunicação), `mestreEscravo`, `estado` (armazena o estado livre/ocupado do servidor), `idTarefaAtual` (sinaliza a tarefa que atualmente ocupa o servidor), `tServicoProcto` (se o servidor é do tipo processamento, armazena seu poder computacional), `tServicoRede` (se o servidor é do tipo comunicação, armazena sua largura de banda), `latencia` (se o servidor é do tipo comunicação, armazena sua latência), `txOcupacao` (contém a taxa de ocupação do servidor).

Os métodos da classe `Servidores.java` consistem nos construtores da classe (um para cada tipo de servidor), nos métodos `set` e `get` das variáveis de instância e no método `atribuiTarefaServidor` para atribuir tarefas a diferentes servidores do sistema. Este último método pode ser visto na Figura 3



Figura 3.7: O método atribuiTarefaServidor da classe Servidores.java

### 3.4.4 As classes NoFila.java e Filas.java

As tarefas a serem processadas pelas grades e pelos *clusters* são simuladas através dos objetos das classes Filas.java e NoFila.java.

Como a abordagem definida para implementar o simulador consiste em fazer cada tarefa passar pelos estágios indicados anteriormente na Tabela 3.1, há uma quantidade considerável de informações a serem armazenadas em classe, entre elas temos: os identificadores da tarefa, da fila, dos centros de serviços e servidores atuais e de destino, a distância da tarefa até um servidor mestre que possa redirecioná-la, o tempo de vida dela - aqui foi usado um conceito semelhante ao campo TTL do cabeçalho IP -, um vetor indicando o caminho dentro de serviço pelos quais ela deve passar, os tamanhos de processamento e de comunicação da tarefa, o tempo de chegada dela nas filas e uma variável para indicar se o processamento da tarefa foi finalizado, ou seja, se ela já passou por todos os estágios do processo. Sobre os métodos da classe, é importante citar *compareTo*, assim como na classe NoLEF, foi sobrescrito para poder indicar para sua classe qual é o critério de ordenação da fila de prioridade; no caso da NoFila.java ele foi sobrescrito para indicar que o tempo de chegada da tarefa na fila (*tempoChegadaFila*) é o critério de ordenação.

A classe Filas.java abstrai os conceitos para poder-se instanciar os objetos representantes das filas de tarefas a serem executadas nos sistemas distribuídos. Ela possui apenas três variáveis de instância: uma para identificar a fila, outra para controlar o número atual de tarefas da fila e um objeto da classe *Priority Queue* que constitui a fila em si. Para manipular essas variáveis, sete métodos foram

implementados. Entre eles, estão o construtor da classe, os métodos `set` e `get` da variável de identificação da fila, um que retorna o número atual de tarefas, outro para adicionar uma tarefa na fila, outro para retornar o primeiro elemento da fila sem removê-lo e, finalmente, um que faz a remoção do elemento.

### 3.5 O pacote `NumeroAleatorios`

Este pacote contém apenas a classe geradora de números aleatórios. É através dele que qualquer número aleatório usado durante a simulação é gerado. Ele consiste em apenas uma classe que implementa os métodos de geração de números aleatórios.

#### 3.5.1 A classe `GeracaoNumAleatorios.java`

Esta é uma classe auxiliar para os outros elementos do motor de simulação. Ela é responsável por, por exemplo, gerar os tempos de ocorrência dos eventos a partir dos parâmetros passados pelo usuário da ferramenta.

Ela possui apenas uma variável de instância que recebe o valor da semente para a geração de números aleatórios. Existem também métodos para gerar valores pseudo-aleatórios pertencentes a uma das seguintes distribuições: normal, exponencial e *two-stage uniform*. Os valores pertencentes à distribuição normal são gerados através da técnica da simulação direta e os pertencentes à distribuição exponencial são gerados pela técnica da inversa e os valores pertencentes à *two-stage uniform* são gerados por um algoritmo próprio representado pela Figura 3.8.

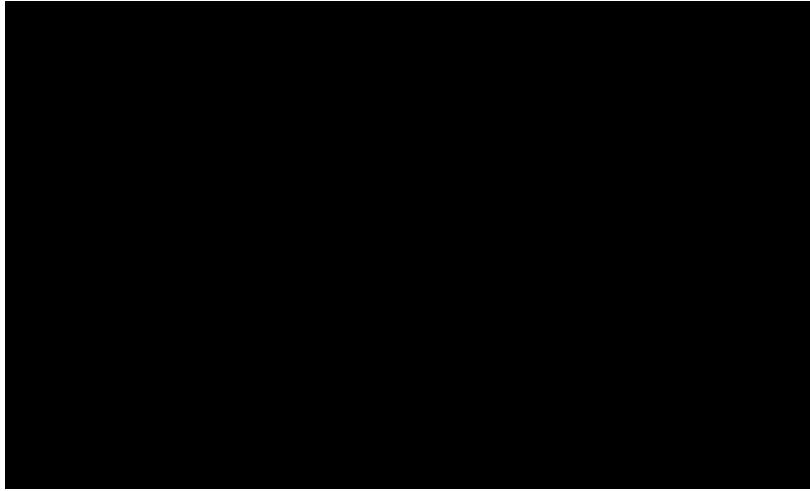


Figura 3.8: Geração de números pertencentes à *image uniform*.

### 3.6 O pacote Estatística

Este é o pacote responsável por colher todas as informações do simulador e seu funcionamento acontece a partir da classe `Simulacao.java`. Ele atua no motor coletando os dados da simulação para efetuar os cálculos (ociosidade, eficiência, satisfação, tempo médio de fila, etc.). Ele é composto pelas classes `Estatistica.java`, `CaixaTextoEstatistica.java`, `MetricaCS.java`, `MedidasServidor.java`, `NoMedidasServidor.java`, `TarefasFila.java` e `NoTarefasFila.java`. Seus diagramas UML estão detalhados no apêndice A.8 e A.9.

#### 3.6.1 As classes `Estatistica.java` e `CaixaTextoEstatistica.java`

Dentro da solução proposta neste projeto, a classe `Estatistica.java` foi pensada para que seus objetivos representem as métricas que o usuário deseja como satisfação, tempo médio das tarefas na fila e ociosidade. Essa classe é o núcleo do pacote estatístico e nela estão efetuados todos os cálculos de ociosidade, eficiência, satisfação e tempo de simulação de cada variável. Para cada métrica são usadas as definições apresentadas no capítulo 2.



Para um melhor funcionamento da parte de estatística do sistema, nessa classe também são criadas duas listas: uma para armazenar métricas relacionadas a todos os centros de serviço do sistema e outra para dados relacionados às tarefas. Essas listas se fazem necessárias já que cada métrica relacionada aos centros de serviço, ou as tarefas, é calculada de maneira independente e, somente as métricas globais do sistema, são calculadas pela classe Estatística.java.

Para a criação das listas utilizou-se a coleção da linguagem Java [Deitel et al., (2005)]. Sua criação e funcionamento acontece a partir da classe principal do sistema, chamada Simulacao.java, que executa o método Simula e um objeto da classe Estatística.java é instanciado e o método fimSimulacao (Figura 3.10), da classe Estatística.java, é chamado ao final da simulação pela classe principal e os cálculos de ociosidade, tempo total satisfatório do sistema são efetuados.

A classe Estatística.java utiliza a classe CaixaTextoEstatística.java para criar uma janela e apresentar os resultados para o usuário. Para a impressão desses resultados na tela, a classe CaixaTextoEstatística.java é utilizada criando uma janela para apresentar os resultados ao usuário.

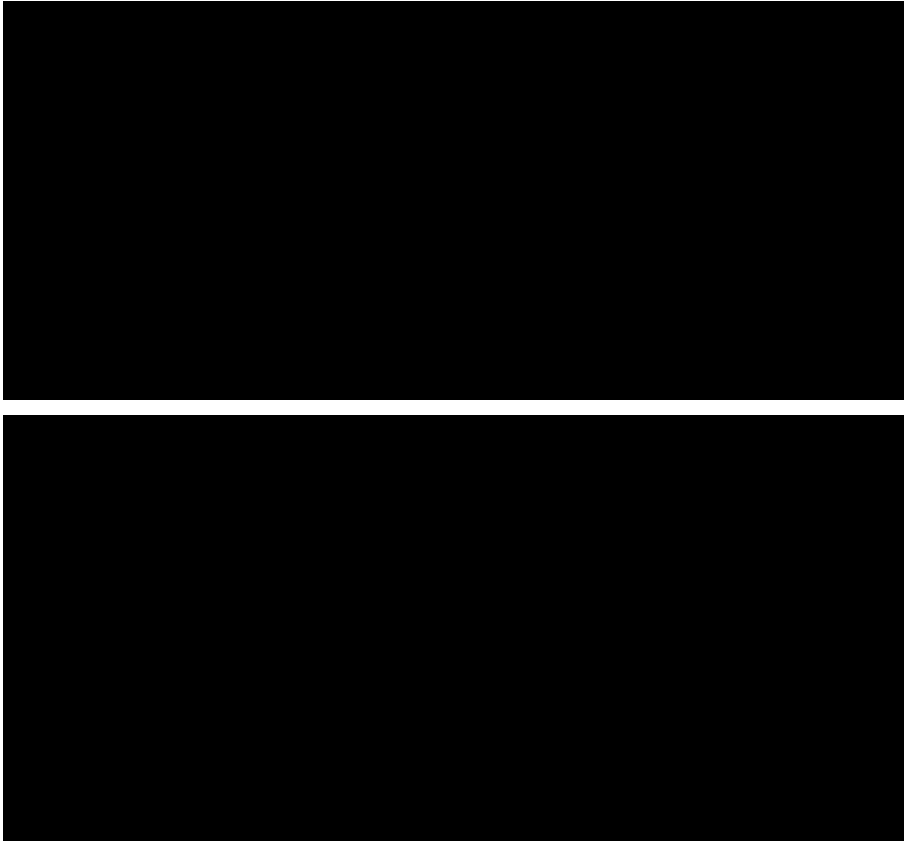


Figura 3.9: O método `fimSimulacao` da classe `Estatistica.java`.

### 3.6.2 As classes `MetricaCS`, `MedidasServidor.java` e `NoMedidasServidor.java`

Essas são as classes responsáveis por recolher as métricas dos servidores do sistema. A primeira classe (`MetricaCS.java`) é a classe que armazena informações gerais dos centros de serviços do sistema como o identificador do centro de serviços (`idCS`) e os servidores.

Todas as vezes que o sistema cria um centro de serviços, um `no` da lista `servidores` (declarada na classe `MetricaCS.java`) é adicionado conforme a Figura 3.11. Isso é feito através do método `addMedidasServidor` da classe `MetricaCS.java`.



Figura 3.10: Método da classe `MetricaCS.java` que insere dados dos servidores ao centro de serviço.

Nesse método são armazenadas informações relacionadas ao servidor como seu identificador (ID), o tipo do servidor (comunicação ou processamento), o tempo total que o servidor ficou livre (`TTSLivre`) e o tempo total que o servidor ficou ocupado (`TTSOcupado`). Para efetuar os cálculos necessários para obter os tempos citados anteriormente, a classe cria uma nova lista chamada `listaServidor` utilizando, como nós, a classe `NoMedidasServidor.java`.

### 3.6.3 As classes `TarefasFila.java` e `NoTarefasFila.java`

Essas classes são análogas às classes `MedidasServ` e `NoMedidasServidor.java`. Elas, entretanto, calculam as métricas das tarefas do sistema utilizando dados como o tempo de chegada da tarefa em uma fila e o tempo de entrada, da mesma, em um servidor.

Para efetuar esses cálculos, a classe `TarefasFila` cria dois nós da lista `filas` (declarada na classe `Estatistica.java`), um com as métricas da tarefa relacionada a comunicação e outro com dados de processamento.

Em cada um desses nós são armazenadas informações como o identificador da tarefa, quantas vezes a tarefa passou por um servidor de comunicação, ou processamento, o tempo médio de fila da tarefa, seu tempo médio em um servidor e o tempo médio dela em um sistema.

Quando uma tarefa é alocada no motor, uma nova fila chamada `fila` é estabelecida com os atributos e métodos da classe `NoTarefasFila.java` e, através do método `addNoTarefasFila`, seus nós são criados. Nesse momento são colocadas informações da tarefa como o identificador, a carga, o tempo de chegada na fila, no servidor ou no sistema e o tempo total gasto em uma fila, servidor ou sistema conforme a Figura 3.11.



Figura 3.11: Trecho de código retirado do motor de simulação mostrando a chamada do método `addNoTarefasFila`.

### 3.7 Considerações Finais

Este capítulo apresentou as principais etapas e estratégias para o desenvolvimento do projeto, inclusive utilizando elementos visuais e ilustrações para facilitar o entendimento. Esses passos têm como objetivo apresentar as características mais importantes na implementação das especificações do motor de simulação do iSPD.

Os testes efetuados para a validação do correto funcionamento do projeto serão apresentados no próximo capítulo. Estes testes serão seguidos por seus resultados e pela análise das informações obtidas.

## CAPÍTULO 4

### Testes

Neste capítulo são apresentados os testes realizados no motor de simulação. Inicialmente são feitos os testes dos geradores de números aleatórios, pois o correto funcionamento deles garante a não propagação de erros na simulação. Em seguida, os testes com um centro de serviço do tipo M/M/1 são executados como forma de representar a rede de filas. Os testes dos outros tipos de centro de serviço são feitos de forma implícita no teste final que mostra a colisão de métricas de desempenho.

#### 4.1 Testes dos geradores de números aleatórios

Os testes dos geradores de números aleatórios consistem em gerar 65356 números em cada uma das distribuições implementadas, esses números em classes de valores e plotar histogramas com as frequências em que cada classe foi gerada. As Figuras 4.1, 4.2 e 4.3 mostram, respectivamente, os histogramas para as distribuições *stage uniform*, normal e exponencial. Os valores utilizados como parâmetros para cada uma das distribuições estão na Tabela 4.1.

Tabela 4.1: Os parâmetros usados para gerar as distribuições de probabilidade.

| <i>Two-stage Uniform</i> |       |        |               | Normal |               | Exponencial |
|--------------------------|-------|--------|---------------|--------|---------------|-------------|
| Mínimo                   | Média | Máximo | Probabilidade | Média  | Desvio Padrão | Média       |
| 0,0                      | 50,0  | 100,0  | 0,20          | 50,0   | 8,0           | 20,0        |

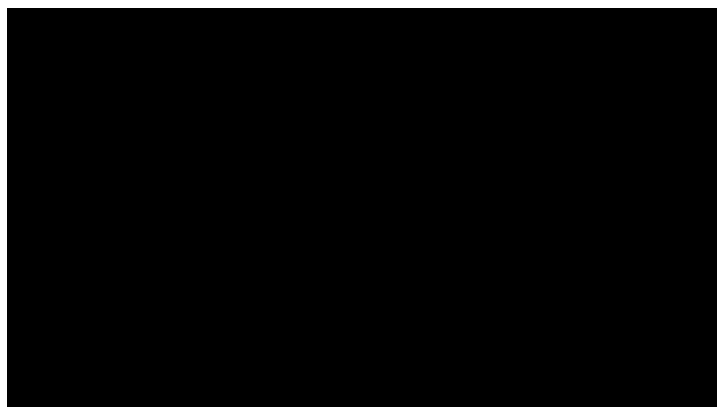
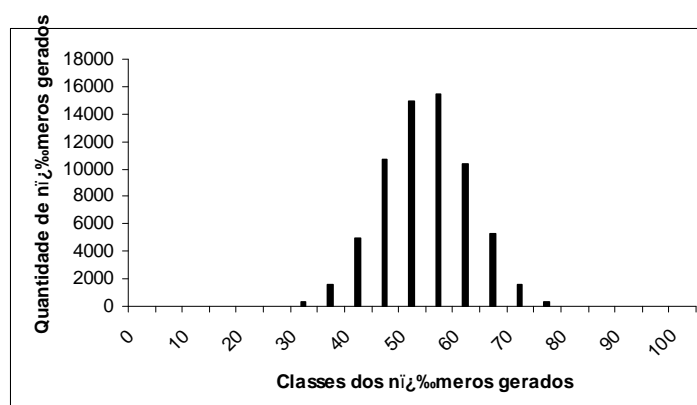
Figura 4.1: Histograma da distribuição *two-stage uniform*.

Figura 4.2: Histograma da distribuição normal.

Figura 4.3: Histograma da distribuição exponencial.

Através dos histogramas apresentados, é possível verificar que mesmo com as dificuldades inerentes à geração de números aleatórios [Zufalon et al., (2006)], os geradores de números aleatórios seguem o comportamento esperado.

## 4.2 Testes do sistema M/M/1

Os testes com um sistema M/M/1 foram realizados como forma de representação dos modelos de filas implementados. A Tabela 4.2 mostra as características do sistema simulado e os resultados teóricos (esperados) e os práticos (obtidos) para ele. Pelas características de um processo de simulação, o teste consistiu em simular dez vezes o sistema, calcular as médias das variáveis de interesse entre os resultados dessas simulações e então comparar essas médias com os resultados teóricos. Para se obter um valor de (taxa de chegada das tarefas na fila) igual a 0,2, fez-se o tempo médio entre as chegadas das tarefas ser de 5 segundos, o que resulta numa média de 0,2 tarefas por segundo. Já para se obter o valor de  $\mu$  (taxa de atendimento) igual a 0,5, fez-se o tamanho médio das tarefas ser de 5 MFlops e o poder computacional do servidor ser de 10 MFlops/s o que resulta em uma taxa de atendimento média de 0,5 s.

Excluído:  $\lambda$

Tabela 4.2: As características e os resultados do sistema M/M/1.

| Características do sistema:                                   |          |          |          |         |
|---|----------|----------|----------|---------|
| =   | 0,2      |          |          |         |
| μ=  | 0,5      |          |          |         |
|   |          |          |          |         |
| Resultados teóricos esperados para as variáveis de interesse: |          |          |          |         |
| TF  | TS       | NF       | NS       |         |
| 1,333333  | 3,333333 | 0,266667 | 0,666667 |         |
|   |          |          |          |         |
| Resultados práticos obtidos para as variáveis de interesse:   |          |          |          |         |
| Médias  | TF       | TS       | NF       | NS      |
| 1   | 1,637582 | 2,391946 | 0,327516 | 0,47839 |
| 2   | 1,775538 | 2,488804 | 0,355108 | 0,49776 |
| 3   | 1,934365 | 2,668114 | 0,386873 | 0,53362 |
| 4   | 1,578288 | 2,302504 | 0,315658 | 0,46050 |
| 5   | 1,890351 | 2,609780 | 0,378070 | 0,52196 |
| 6   | 0,913478 | 1,664639 | 0,182696 | 0,33293 |
| 7   | 0,656252 | 1,380063 | 0,131250 | 0,27601 |
| 8   | 1,450484 | 2,198786 | 0,290097 | 0,43976 |
| 9   | 1,444755 | 2,159054 | 0,288951 | 0,43181 |
| 10  | 2,179829 | 2,911281 | 0,435966 | 0,58226 |
| Médias:   | 1,546092 | 2,277497 | 0,309218 | 0,45550 |

Considerando-se mais uma vez as características de um processo de simulação e o tamanho da amostra, a proximidade entre os valores esperados e os obtidos, torna os resultados obtidos pelo simulador bastante satisfatórios.

### 4.3 Teste Final

Para o teste final, foi elaborado um modelo com todos os ícones que o simulador disponibiliza para o usuário. Foi criado um *cluster* com 5 máquinas e com poder computacional de 1000000 MFlop/s, 7 máquinas com poder computacional de 111 MFlop/s, um link de Internet com largura de banda igual a 100 Mbps, e conexões de rede internas de 10000 Mbps. A carga computacional das tarefas é de no mínimo 0 MFlop e máximo 10000 MFlop, enquanto que a carga de comunicação tem valor



mínimo de 0 MFlop e máximo de 10000 MFlop também pode ser visto na Figura 4.4.

Figura 4.4: Plataforma criada para o teste final do iSPD.

Foram realizados dois testes, um com 2 tarefas e outro com 300 tarefas. Os respectivos resultados desses testes podem ser vistos nas Figuras 4.5 e 4.6.

Figura 4.5: Resultado do teste com 2 tarefas.

Para o teste seguinte, a carga computacional das tarefas  $i$  de no mínimo 0 MFlop e máximo 10MFlop, enquanto que a carga de comunicação tem valor mínimo de 0 MFlop e máximo de 10 MFlop também.

Figura 4.6: Resultado do teste com 300 tarefas.

Após os testes realizados pudemos notar o esperado. A métrica de ociosidade diminui, já que o número de tarefas aumentou. O tempo médio de fila, processamento e sistema diminuiu, pois as tarefas do conjunto de testes eram menores.

#### 4.4 Considerações Finais

Nesta seção foram exibidos alguns testes realizados nos geradores de números aleatórios, o que se justifica por garantir a ocorrência de erros nesta etapa da simulação e, mais ainda, a propagação das fases posteriores.

Outro teste parcial realizado foi o do sistema M/M/1. Esse sistema foi escolhido por ser bastante usado no motor de simulação e ser um bom representante dos modelos de filas. Além disso, os outros modelos foram automaticamente testados durante o teste final da ferramenta que, por sua vez, foi essencial para as conclusões expostas no próximo capítulo.

Por sua vez, o teste final confirmou o cumprimento de todas as funcionalidades previstas para o simulador, desde os processos internos do simulador até a obtenção de métricas para avaliação de desempenho dos sistemas.

## CAPÍTULO 5

### Conclusões

Este capítulo irá apresentar as principais conclusões obtidas com o desenvolvimento deste trabalho, as dificuldades encontradas, conclusões e propostas para trabalhos futuros.

Além disso, este projeto foi publicado e apresentado em diferentes fases de elaboração, em dois eventos do estado de São Paulo para expor os resultados obtidos com o desenvolvimento deste trabalho, são:

- └ XXI Congresso de Iniciação Científica da Unesp (CIC) de São José do Rio Preto - SP [Aoki *et al.*, (2009)] [Guerra *et al.*, (2009)] [Oliveira *et al.*, (2009)];
- └ I Escola Regional de Alto Desempenho de São Paulo (RAD-SP 2010) [Aoki *et al.*, (2010)] [Guerra *et al.*, (2010)] [Oliveira *et al.*, (2010)].

#### 5.1 Contribuições

A elaboração deste trabalho permitiu o desenvolvimento de um motor de simulação concomitantemente robusto e modular, ~~que possui~~ características ~~que~~ imprescindíveis para seu aprimoramento contínuo, ou seja, para que

Excluído: i

Excluído: l

funcionalidades sejam adicionadas a ele. É interessante destacar também seu bom desempenho e o relativo baixo consumo de recursos computacionais que ele demanda para realizar as simulações, muito disso devido à linguagem Java e seus recursos, como por exemplo, a limpeza periódica de memória. Além disso, quando aliado à sua interface gráfica, ele possibilita a construção de modelos de simulação de grades computacionais de forma fácil e intuitiva mesmo por usuários sem muita familiaridade com esses sistemas.

## 5.2 Dificuldades encontradas

As principais dificuldades encontradas durante o desenvolvimento deste trabalho foram o entendimento dos processos de simulação, elaborar o método adequado de implementação do algoritmo *Fixed Scheduling/Time Advance* para ele simular corretamente o funcionamento e os eventos de uma grade computacional e o aprendizado da linguagem Java para implementar todo o sistema.

## 5.3 Conclusões

O estudo dos principais simuladores existentes contribuiu significativamente com a identificação de requisitos funcionais e não funcionais necessários para um ambiente flexível e simples de usar. Dessa forma, a partir do levantamento de requisitos, do estudo sobre simulação de sistemas, geração de números aleatórios, teoria das filas e linguagem UML, foi possível especificar, propor e implementar o motor de simulação.

No decorrer do trabalho a importância tanto do entendimento das funcionalidades do sistema a ser simulado quanto da adequação dessas funcionalidades às técnicas de simulação ficaram evidentes. Por sua vez, os resultados obtidos através dos testes realizados mostraram que esse nível de entendimento foi obtido, culminando na implementação eficiente de um robusto motor de simulação e da geração das mídias necessárias para a interessante

destacar o quanto a escolha pela linguagem Java para implementação do projeto se mostrou acertada, já que ela possui recursos essenciais para a codificação do projeto.

Por fim, ressalta-se o fato de que todas as atividades citadas no cronograma da proposta de projeto final foram cumpridas fielmente.

## 5.4 Propostas para Trabalhos Futuros

Para trabalhos futuros, espera-se que o motor de simulação seja capaz de executar outros algoritmos tanto de escalonamento quanto de roteamento, possibilitando, ainda, que o usuário seja capaz de implementar seus próprios algoritmos, e assim a ferramenta estará completamente apta para avaliar uma gama ainda maior de sistemas, incluindo casos extremamente peculiares. Além disso, é possível melhorar a fidelidade da simulação de redes de tipo Internet   com a implementação de novas topologias de rede.

É possível ainda trabalhar em adequações para atender demandas de ambientes virtualizados e de *enterprise* sob demanda. Com isso, o ambiente de simulação poderá avaliar *cloud computing*.

Trabalhos futuros também devem criar interfaces gráficas para a apresentação das métricas de desempenho definidas. Isso permitirá ao usuário ter uma melhor visualização sobre o desempenho dos vários algoritmos e posicionamento para saber qual dos algoritmos se comporta melhor na grade simulada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [Aoqui e Guerra, (2010)] AOQUI, V., GUERRA, A. I., **Plataforma de Simulação de Grades Computacionais: Interface Gráfica e Interpretador de Modelos Externos**. Monografia (Graduação em Ciência da Computação) - I Biológicas, Letras e Ciências Exatas - IBILCE/Faculdade de Ciências de Computação e Estatística - DCCE - UNESP, 2010;
- [Aoqui *et al.*, (2009)] AOQUI, V., BRAIT, T. P., GUERRA, A. I., OLIVEIRA, P. H. M. A. e LOBATO, R. S. **Interpretador de Modelos Multifomato Para Plataforma de Simulação de Grades Computacionais**. XI Congresso de Iniciação Científica da Unesp. Anais do XXIX Colóquio Iniciação Científica da UNESP. v. CD-ROM. p. 1-4. São José do Rio Preto: Instituto de Biológicas, Letras e Ciências Exatas - IBILCE-UNESP, 2009;
- [Aoqui *et al.*, (2010)] AOQUI, V., GUERRA, A. I., GARCIA, M. A. B. A., OLIVEIRA, P. H. M. A., LOBATO, R. S. e MANACERO JR, A. **Interpretador de Modelos Externos Para Simulador de Grades Computacionais**. In: I Escola Regional de Alto Desempenho de São Paulo. v. CD-ROM. p. 1-2. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010;
- [Baliero, (2005)] BALIEIRO, M. O. S., Protocolo **Conservativo CMB para Simulação de Distribuição**. Dissertação de Mestrado, DCT-UFMS, 2005;
- [Banks *et al.*, (2001)] BANKS, J. CARSON, J. S., NICOL, D. M., NELSON B. L., **Discrete-Event System Simulation**, 3ª edição, Prentice-Hall, International Series In Industrial and Systems Engineering, 2001;
- [Bell *et al.*, (2003)] BELL, W., CAMERON, D.G; CAPOZZA, L., MILLAR, A.P.; Stockinger, K.; Zini, F. **Optorsim: a grid simulator for studying dynamic data replication strategies**. International Journal of High Performance Computing Applications, p. 403416, 2003. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.1.8027>>;
- [Boaventura *et al.*, (2009)] BOAVENTURA NETTO, P. O., JURKIEWICZ, S. **Grafos: Introdução e Prática**. Blucher, São Paulo, 2009;
- [Bricks Systems, (1999)] **Bricks Systems**. Disponível em <<http://ninf.apgrid.org/bricks/contents/hpdc99.html#overview>>. Acesso em: 08 Nov. 2009;
- [Buyya *et al.*, (2002)] BUYYA, R., MURSHED, M. **Gridsim: A toolkit for the**



- modeling and simulation of distributed resource management and scheduling for grid computing.** Concurrency and Computation: Practice and Experience (CCPE), v.14, p.1175-1220, Novembro-Dezembro 2002. Disponível em: <<http://www.gridbus.org/papers/grids.pdf>>;
- [Chiacchio, (2005)] CHIACCHIO, R. L. C. **Biblioteca orientada a objetos para simulação de redes de filamentos** Monografia (Graduação em Ciência da Computação) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - IBILCE - Departamento de Ciências de Computação e Estatística - UNESP, 2005;
- [Deitel et al., (2005)] DEITEL, H. M. & DEITEL, P. J. **Java - Como Programar**. 6ª Edição. Editora Pearson, 2005;
- [Dumitrescu et al., (2005)] DUMITRESCU, C. L., FOSTER, I. **Gangsim: a simulator for grid scheduling studies**. In: CCGRID 05: Proceedings of the Fifth IEEE International Symposium on Cluster Computing and the Grid (CCGrid05). Washington, DC, Estados Unidos: IEEE Computer Society, 2005. v. 2, p.1151-1158. ISBN 0-7803-9074-1. Disponível em: <<http://people.cs.uchicago.edu/cldumitr/docs/GangSim.pdf>>;
- [EU DataGrid Project, (2001)] EU DataGrid Project, **The DataGrid architecture**. Technical Report DataGrid-12-D12.4-333671-3-0, CERN, Geneva, Switzerland, 2001;
- [Falavinha Jr, (2009)] FALAVINHA Jr., J. N., **Escalonamento de tarefas em Sistemas Distribuídos baseado no Conceito de Private Distributed** Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira -FEIS- UNESP, 2009;
- [Guedes, (2009)] GUEDES, G. T. A., **UML 2: Uma abordagem prática** Editora Novatec, São Paulo, 2009;
- [Guerra *et al.*, (2009)] GUERRA, A. I., AOQUI, V., GARCIA, M. A. B. A., OLIVEIRA, P. H. M. A. e LOBATO, R. S. **Projeto de Interface Iconica Para Simulador de Grades Computacionais**. In: XXI Congresso de Iniciação Científica da Unesp. Anais do XXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP. v. CD-ROM. p. 1-4. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - IBILCE - UNESP, 2009;
- [Guerra *et al.*, (2010)] GUERRA, A. I., GARCIA, M. A. B. A., OLIVEIRA, P. H. M. A., AOQUI, V., LOBATO, R. S. e MANACERO JR, A. **Plataforma de Simulação de Grades Computacionais: Interface Iconica** Escola Regional de Alto Desempenho de São Paulo. v. CD-ROM 1-2. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010;
- [GRAS, (1999)] **Module GRAS do SimGrid**. Disponível em: <[http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group\\_\\_GRAS\\_API.html](http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group__GRAS_API.html)>. Acesso em 23 Jul. 2009;

- [GridSim, (2007)] The GridSim Toolkit. Disponível em <<http://www.cct.lsu.edu/~dsk/eScience2007Posters/sulistio.html>>. Acesso em 10 Nov. 2009
- [Hillier, (1988)] HILLIER, F. S., LIEBERMAN, G. J., **Introdução a pesquisa operacional**, 1ª edição, tradução de Helena L. Lenstra, São Paulo, 1988;
- [Jain et al., (1991)] Jain R. **The Art of Computer Systems Performance Analysis: Techniques for Experimental Design, Measurement, Simulation, and Modeling**. John Wiley & Sons, 2nd edition edition, 1991;
- [Kleinrock, (1975)] KLEINROCK L. **Queueing Systems**, 1ª edição. Wiley-Interscience, 1975;
- [Lublin, (2003)] LUBLIN U., FEITELSON, D. G. **The workload on Parallel Supercomputers: Modeling the Characteristics of Rigid Jobs**. Journal of Parallel and Distributed Computing, Volume 63, fascículo 11, páginas 1105-1122, Novembro de 2003;
- [Oliveira, (2008)] OLIVEIRA, L. J. **Comparação de ferramentas de simulação de grades computacionais**. Relatório Técnico - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - IBILCE - Departamento de Ciências Computacionais e Estatística - DCCE - UNESP, 2008. Disponível em: <http://www.dcce.ibilce.unesp.br/spd/pubs/gridsimulationtools.pdf>;
- [Oliveira *et al.*, (2009)] OLIVEIRA, P. H. M. A., AOQUI, V., GUERRA, A. I., GARCIA, M. A. B. A. e MANACERO JR, A. **Especificação de Um Motor de Simulação de Grades Computacionais**. XI Congresso de Iniciação Científica da Unesp. Anais do XXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP. v. CD-ROM. p. 1-4. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - IBILCE-UNESP, 2009;
- [Oliveira *et al.*, (2010)] OLIVEIRA, P. H. M. A., GUERRA, A. I., GARCIA, M. A. B. A., AOQUI, V., MANACERO JR, A. e LOBATO, R. S. **O Motor de Uma Plataforma de Simulação de Grades Computacionais**. I Escola Regional de Alto Desempenho de São Paulo. v. CD-ROM 1-2. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010;
- [Machado, (2008)] MACHADO, D. J. **algSim - Linguagem algorítmica para simulação de redes de filas**. Monografia (Graduação em Ciência da Computação) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - IBILCE - Departamento de Ciências de Computação e Estatística - DCCE - UNESP, 2008;
- [MSG, (1999)] **Module MSG do SimGrid**. Disponível em: <[http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group\\_\\_MSG\\_\\_API.html](http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group__MSG__API.html)>. Acesso em 23 Jul. 2009;

- [Tanenbaum et al.,(2007)] TANENBAUM, A.S., VAN STEEN, M., **Sistemas distribuídos: princípios e paradigmas**, 3ª edição, traduído de Arlete Simille Marques, Prentice-Hall, São Paulo, 2007;
- [Santana et al, (1994)] SANTANA, R. H. C., SANTANA, M. J., ORLANDI, R. C. G. S., SPOLON, R., Júnior, N. **Técnicas para Avaliação de Desempenho de Sistemas Computacionais**, Notas didáticas do ICMC, ICMC USP, 1994;
- [Shannon, (1975)] SHANNON, R.E. **Systems Simulation: The Art and Science**. Prentice-Hall. Englewood Cliffs, N.J. 1975;
- [SimGrid Project, (1999)] **SimGrid Project**. Disponível em <<http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/index.html>>. Acesso em: 08 Nov. 2009;
- [Soares, (1990)] SOARES, L. F. G., **Modelagem e Simulação Discreta de Sistemas** VII Escola de Computação, 1990;
- [SMPI, (1999)] **Module SMPI do SimGrid**. Disponível em: <[http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group\\_\\_SMPI\\_API.html](http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group__SMPI_API.html)>. Acesso em 23 Jul. 2009;
- [SimDag, (1999)] **Module SimDag do SimGrid**. Disponível em: <[http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group\\_\\_SD\\_API.html](http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group__SD_API.html)>. Acesso em 23 Jul. 2009;
- [SURF, (1999)] **Module SURF do SimGrid**. Disponível em: <[http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group\\_\\_SURF\\_API.html](http://simgrid.gforge.inria.fr/doc/group__SURF_API.html)>. Acesso em 23 Jul. 2009;
- [Zafalon et al, (2006)] Zafalon, G. F. D., Manacero Jr, A. **Construção de geradores independentes de números aleatórios para diferentes distribuições probabilísticas**. Anais do Workshop em Computação e Aplicações - WCOMPA, Campo Grande, CD-ROM, p. 16-21, 2006;

## Apêndice A Diagramas de Classe UML

Este apêndice é reservado para a apresentação dos diagramas de classe UML dos componentes do motor de simulação, uma vez que os mesmos tomariam muito espaço no capítulo que descreve o projeto.

A Figura A.1 ilustra o diagrama de classes do pacote RedesDeFilas.java, cujas classes suportam a montagem da infraestrutura computacional da grade a ser simulada.

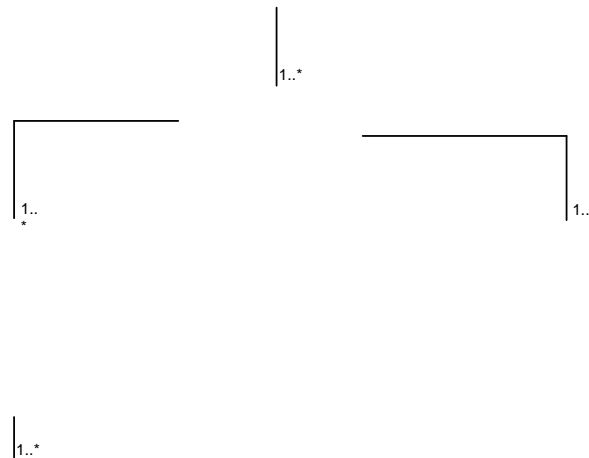


Figura A.1: Diagrama de classes UML do pacote RedesDeFilas.java.

Se os pacotes modelados pelo diagrama de classes Figura A.2 podem ser considerados o núcleo do modelo de simulação e realizam tanto o controle quanto a execução das operações em si.

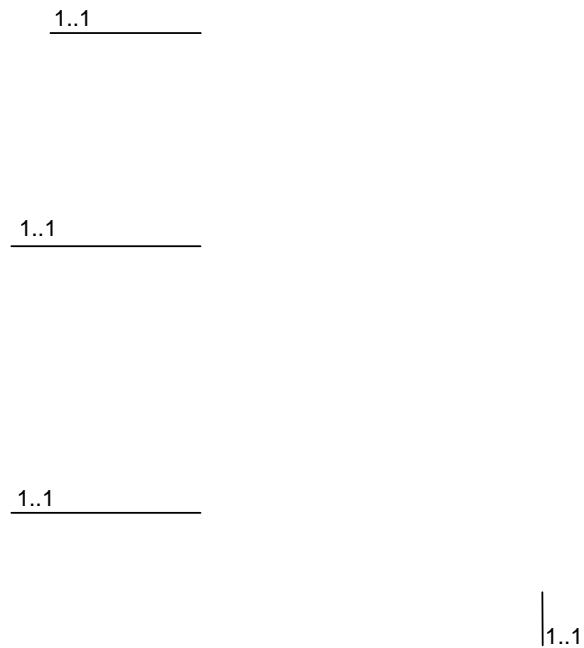


Figura A.2: Diagrama de classes UML dos pacotes Simulacao.java e GeracaoNumAleatorios.java.

A Figura A.3 mostra a relação existente entre as classes `ListaEventosFuturos.java` e `NoLEF.java`. Essas classes são parte integrante do pacote `Simulacao.java`.

0..\*

Figura A.3: Diagrama de classes das classes `ListaEventosFuturos.java` e `NoLEF.java`.

Excluído: r

As Figuras A.4, A.5, A.6 e A.7 sãõ, respectivamente, representações detalhadas das classes RedesDeFilas.java, CentrosDeServico.java, Servidores.java e NoFila.java. Foi necessãrio fazer esse detalhamento pois as classes sãõ muito extensas e foram reduzidas nas figuras anteriores.

Excluído: i

Figura A.4: Diagrama de classes UML detalhado da classe RedesDeFilas.java.

Figura A.5: Diagrama de classes UML detalhado da classe CentrosDeServico.java.



Figura A.6: Diagrama de classes UML detalhado da classe Servidores.java.

Figura A.7: Diagrama de classes UML detalhado da classe NoFila.java.

A Figura A.8 ilustra o diagrama de classes dos pacotes Estatistica.java e CaixaTextoEstatistica.java, cujas classes suportam a montagem da infraestrutura computacional da grade a ser simulada para o armazenamento das métricas necessárias.

Devido à extensão das classes TarefasFila.java, arqFila.java, MetricaCS.java, MedidasServidor.java e NoMedidasServidor.java, mais adiante há a representação e interação de cada uma delas com Estatistica.java.

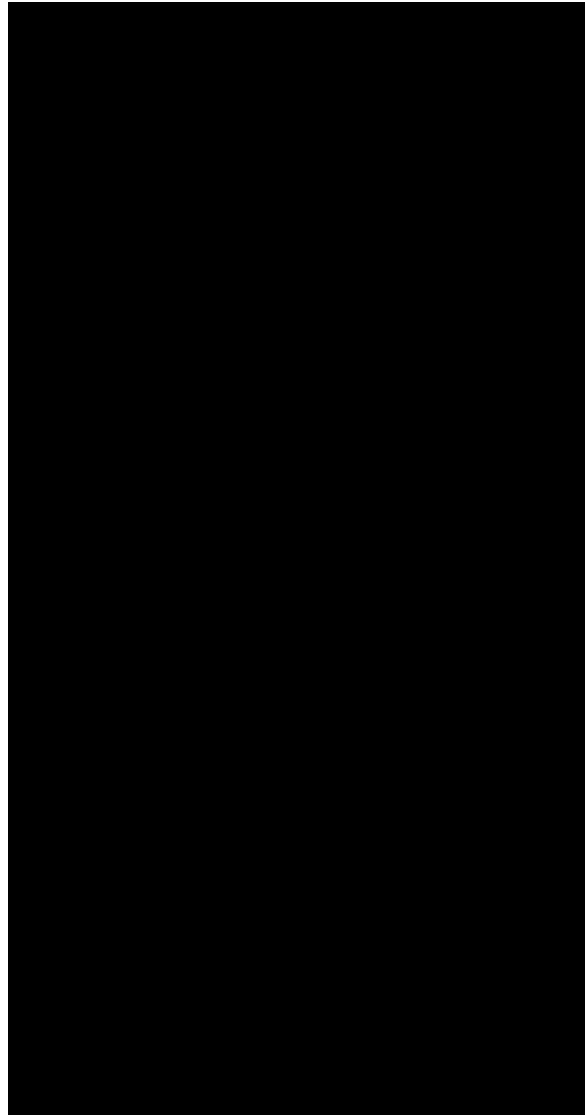


Figura A.8: Diagrama de classes UML detalhado das classes CaixaTextoEstatistica.java e Estatistica.java.

1 \*

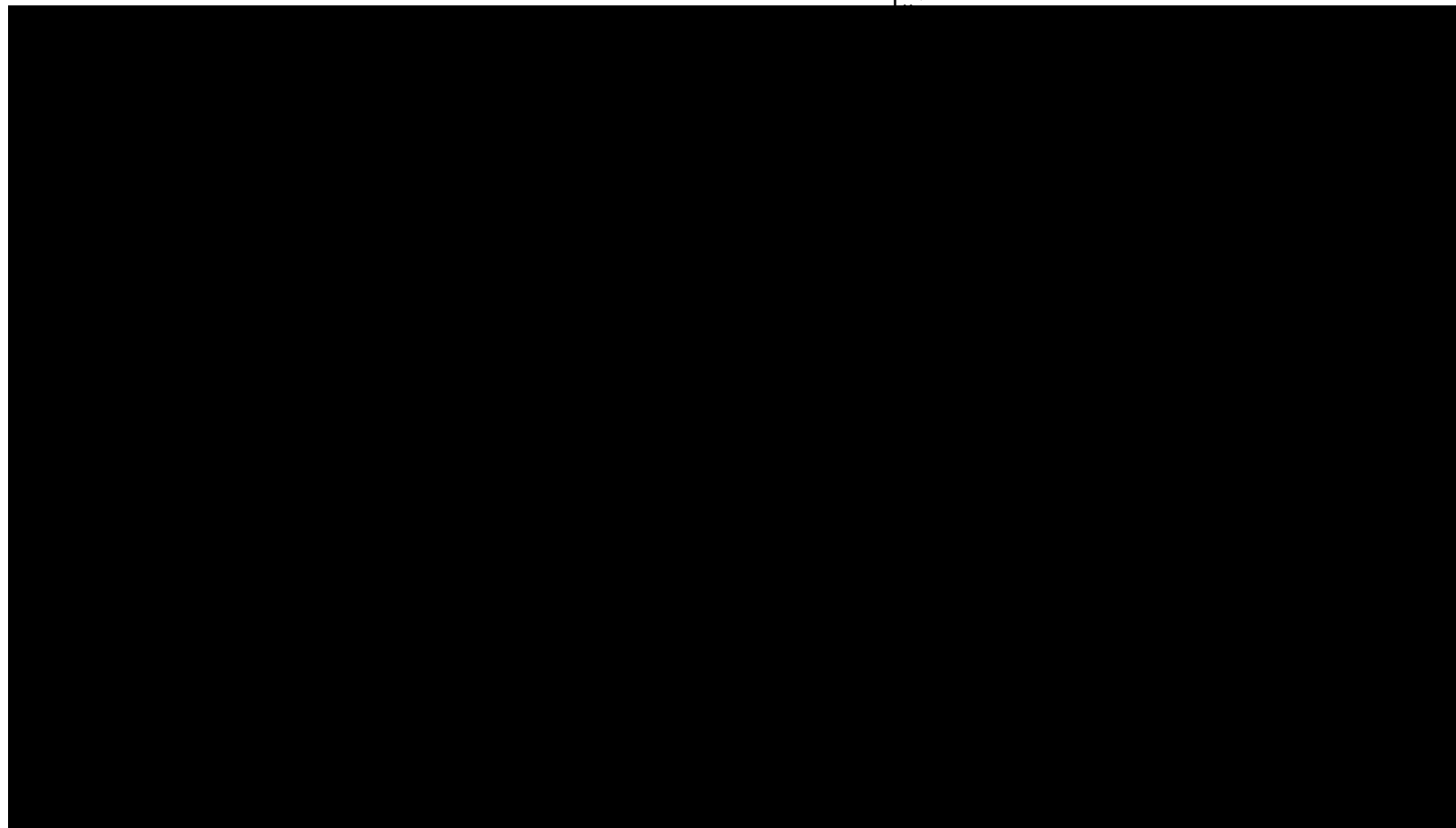


Figura A.9: Diagrama de classes UML detalhado das classes Estatistica.java, MetricaCS.java, MedidasServidor.java, NoMedidasServidor.java, TarefasFila.java e NoTarefasFila.java.